

CABRAL VERÍSSIMO



Triagem de Crônicas



120/260 Págs.
(Amostra Grátis!)



PARA ADQUIRIR A OBRA COMPLETA C/ 260 PÁGINAS
https://ciacabralverissimo.loja2.com.br/8307080--AMOSTRA-GRATIS-100-260-PAGS-?keep_adding



ÍNDICE

Temas	páginas
I. Introdução: Como fazer uma boa crônica?	03
II. Tipos de crônicas	04
1. O cronista de si mesmo	
2. O cronista à distância	
3. Crônica descritiva	
4. Crônica narrativa	
5. Crônica lírica	
6. Crônica reflexiva	
7. Crônica metalinguística	
8. Crônica-comentário	
III. Exemplo dado com o texto de referência	06 a 31
IV. 200 Crônicas de entretenimentos	31 a 240
Vocabulário	240 a 256
Autobiografia	256 a 260

I. INTRODUÇÃO: COMO FAZER UMA BOA CRÔNICA?

Para fazer uma boa crônica é preciso escolher um fato que chame a atenção, através de jornais ou revistas, pois é muito importante que o tema escolhido desperte a atenção do próprio autor.

- Você precisa ler sobre este tema, e ter opiniões sobre ele, e colocá-las no seu texto, pois esta é a principal característica de uma crônica.

- Quando começar a escrever é importante que sempre deixe bem clara a sua opinião, relacionando o tema com você, como o que você pensa sobre o assunto. Coloque-se na situação sobre a qual está falando, e o que sente diante disso. Aponte o ponto de vista de outras pessoas, e se caso for aponte uma solução.

A origem da crônica surgiu quando o escriba, que estava a serviço do rei, faraó, ou qualquer pessoa de grande importância na hierarquia dirigente, registrava operações de compra e venda, e acompanhava seus chefes em todas as campanhas guerreiras, relatando todas as etapas como: derrotas, vitórias e conquistas.

Tais registros eram lidos pelos sacerdotes e depois repassados à população que tinha famílias nas guerras. Estes registros eram considerados simplesmente como um “diário de campanha”, cuja fidelidade aos fatos era duvidosa, visto que eram destinados a elogiar o chefe.

E essa tendência ainda permanece atualmente. No entanto, nos dias atuais o que mais se aproxima dos escribas é o noticiarista, que tem a função de fazer relatos do dia-a-dia, para jornais, rádios e televisões, prescindindo os comentários.

II. TIPOS DE CRÔNICAS

1. O cronista de si mesmo

O cronista de si mesmo é aquele que descreve seus próprios feitos. Isso pode ser bom ou ruim, pois alguns conteúdos podem ser ou não verídicos, podem parecer ridículos ou haver neles a auto exaltação.

2. O cronista à distância

É aquele cronista que somente relata os fatos, porém se mantém distante deles, ou seja, não está presente neles. Há semelhanças entre a crônica e o texto exclusivamente informativo. Assim como o repórter, o cronista se alimenta dos acontecimentos diários, que constituem a base da crônica. Entretanto, há elementos que distinguem um texto do outro.

Após cercar-se desses acontecimentos diários, o cronista dá-lhes um toque próprio, incluindo em seu texto elementos como ficção, fantasia e criticismo, elementos que o texto essencialmente informativo não contém. Com base nisso, pode-se dizer que a crônica se situa entre o Jornalismo e a Literatura, e o cronista pode ser considerado o poeta dos acontecimentos do dia-a-dia.

A crônica, na maioria dos casos, é um texto curto e narrado em primeira pessoa, ou seja, o próprio escritor está "dialogando" com o leitor. Isso faz com que a crônica apresente uma visão totalmente pessoal de um determinado assunto: a visão do cronista.

Ao desenvolver seu estilo e ao selecionar as palavras que utiliza em seu texto, o cronista está transmitindo ao leitor a sua visão de mundo. Ele está, na verdade, expondo a sua forma pessoal de compreender os acontecimentos que o cercam.

Geralmente, as crônicas apresentam linguagem simples, espontânea, situada entre a linguagem oral e a literária. Isso contribui também para que o leitor se identifique com o cronista, que acaba se tornando o porta-voz daquele que lê.

3. Crônica descritiva

TRIAGEM DE CRÔNICAS - páginas: 5/140

A crônica descritiva é caracterizada pela linguagem conotativa, particularizada e com uma captação impressionista, ou seja, é a descrição de seres animados e inanimados, transmitido sempre de uma maneira dinâmica.

4. Crônica narrativa

O ponto principal de uma crônica narrativa é uma história, que se aproxima de um conto, porém um pouco menor. Conta um episódio inusitado cuja trama é leve e que pode ser compreendida facilmente. Envolve muita ação, poucas personagens, e um desfecho inusitado. A narração pode ocorrer em 1ª ou 3ª pessoa.

5. Crônica Lírica

A crônica é lírica quando a saudade, a emoção e a nostalgia aparecem no texto buscando interpretar de forma poética os sentimentos.

6. Crônica reflexiva

A crônica reflexiva é aquela cujo autor projeta sua interioridade sobre a realidade que está a sua volta, interpretando-a e registrando-a através de conjecturas, inferências e associações de ideias.

7. Crônica metalinguística - A crônica metalinguística é quando o autor escreve sobre o próprio ato de escrever, sob a forma de uma reflexão despretensiosa, de uma retrospectiva das primeiras experiências com as letras, de uma análise da palavra.

8. Crônica-comentário - A crônica-comentário é um texto cujo foco principal é a interpretação do autor sobre um determinado assunto, num ponto de vista quase jornalístico. Predominam as impressões críticas, com ironia, sarcasmo ou humor.

//////////////////////////////////// **III. EXEMPLO DADO COM O TEXTO DE REFERÊNCIA**

1. O CRONISTA DE SI MESMO

O cronista de si mesmo

É aquele que descreve seus próprios feitos.

Exemplo: 01

1. COISA DE LÍDER

Liderança pra mim, seu moço!

É sinônimo de maldade:

Os portadores desse cargo espezinham à vontade...

Machucam os seus subordinados

Com cabeça erguida - e continua marcha...

Endurecem a cara com atrevidas carrancas,

Mas muitas das vezes não entendem nada:

Fizeram alguns cursinhos

Que os certificam de que, são os tais!...

Mas não passam de opressores e bajuladores,

Quero ver esses, caras...

Esmigalhados aos caninos das onças famintas,

Porque são uns desgraçados – jamais, uns mitos.

Comecei a ser um desses tais, encarregados,

Mas pulei fora para nunca estar a Vanguarda

Maltratando um trabalhador, desnecessariamente.

Ser Líder seu moço, não é nada bom:

É... Muitas das vezes obrigar os subordinados

A prestar mais atenção...

Naquilo que já está pra lá de bom!

É uma espécie de engolir os elogios,

Ignorando os rios – de esforços que fizeram:

Ser Líder é inventar mentiras para criar efeitos

Psicológicos (Chantagens emocionais),

Na fúza de ganhar elogios à custa da Equipe.

Ser Líder é ser!

Cabeça que manda e pés que querem subir

Os maiores degraus...

TRIAGEM DE CRÔNICAS - páginas: 7/140

*Seu moço! Ser líder é ser cabeça, pés e pescoço...
Não compre nada, que promete aos trabalhadores.
Ser Líder é ser um verdadeiro, merda!
Querendo brilhar a custa alheia – isso pra mim, fede!...
Mas infelizmente, ainda eu sou por necessidade.*

2. O cronista de si mesmo

Exemplo: 02

02. DEPOIS DA VELHICE

*Onde está o riso da minha Juventude?
E aquelas energias cheias de atitudes,
Que fazia parecer, que venceria o mundo...
Mas o mundo se tornara uma montanha de pedra...
Pois não posso mais nem andar direito,
Quanto mais, subir a ladeira imensa dos anos...*

*Ao cabo de meus anos: quem me levará adiante?
Não vale apenas a mim e a ninguém que queira
Cuidar dos meus restos de anos, semimortos.*

*Envergo o meu pescoço aos céus imensos!...
E deixo suspenso o meu embaraçado olhar:
Oh, meu Deus! Não posso subir e nem quero descer...*

*A morte é profunda e escura: Um buraco imenso.
A vida é um plano bonito na juventude
Mas a velhice é uma montanha de pedra,
Que nos faz temer o tombo do inevitável precipício.*

3. O cronista de si mesmo

Exemplo: 03

03. A JANGADA E EU

*Ontem pus os pés numa jangada que fiz
E a pus rio abaixo...
No sistema,
Sacode esqueleto e quebre as águas,
Nos remos.
E tão logo que sai com a embarcação
Ganhei velocidade tamanha
Que passei por diversas montanhas;
Pois na descida todo Santo ajuda,
Mas para a subida... é Um Deus nos ajuda!...*

*Nem assim, fui acudido!
Talvez eu tenha descido feito um capeta
E os Santos que me ajudaram
Haviam feito umas mutretas...
Para ferrar o velho da jangada.
Pois tive que abandonar a embarcação
E tropeçar no chão - feito um velho cão...
A pedir socorro sem encontrar:
Quando cheguei a casa,
A velha não acreditara em mim
E queria pôr um fim, no casamento.*

*4. O cronista de si mesmo
Exemplo: 04*

04. LOUSAS DA EXISTÊNCIA

*A cada caso na sua lousa... dizia-nos o velho Souza.
E assim a vida passou a se escrever na memória,
De outras, e minha pessoa,
Toda a história de sofrimentos e alegrias!*

*Tornei-me um Escritor por necessidade psicológica:
Era uma maneira de fazer uma psicoterapia
Para me aliviar de sofrimentos pertinentes;*

E também para comemorar certa alegria vigente.

*A cada caso na sua lousa... na lousa do tempo!
Cada texto retrata um tempo vivido;
E cada vivencia não escrita será tempo esquecido:
Mas as que se escreveram - Lousa da existência.*

*O morto se apaga para a vida - e os vivos esquecem
Até mesmo as suas coisas: quanto mais às coisas,
Dos amigos e familiares que morreram - Tudo fenece...
Por isso, a memória é uma lousa de arquivos apagados...*

5. O cronista de si mesmo

Exemplos: 05

05. SEM BOLSO

*Sem bolso subi a festa com a intuição caída...
Pois uma pessoa sem nada no bolso,
Pode se dizer, que é um festeiro destituído.*

*Aquilo me bagunçava a cabeça, enquanto ia...
Mas algo me empurrava com invisível magia...
Chegando ao endereço referido, senti alegria!*

*Uma menina doce de uns 19 anos de idade
Direcionara-se a mim a título de uma amizade:
E o momento, sem bolso, parecia inconveniente.*

*Então a conversa ficara animadíssima e estável!
Acabamos por namorar e casarmos, imediatamente.
Naquele dia que eu estava sem bolso para a festa,*

*Foi o melhor dia da minha vida;
Porque tive amor no coração para dar a menina,
Que Deus pusera nos traçados do meu destino.*

2. O CRONISTA À DISTÂNCIA:

É aquele cronista que somente relata os fatos, porém se mantém distante deles, ou seja, não está presente neles. Há semelhanças entre a crônica e o texto exclusivamente informativo. Assim como o repórter, o cronista se alimenta dos acontecimentos diários, que constituem a base da crônica. Entretanto, há elementos que distinguem um texto do outro.

Exemplo: 01

01. OS TRAVESTIS

*Em decadência abusiva, persiste,
Esses iracundos - pecadores obscenos...
Que pelas ruas propagam suas bagagens:
Com pencas ou sem... Quanta vadiagem...
Tem gente que gosta e se encosta
Nessas orgias de sexo intermediário...*

*E nem sei qual dos lados é mais otário:
O vendedor da bagagem - ou o receptor canalha!
Tudo é uma questão de gosto!...
Sei que bunda é quase igual,
Mas o impacto fatal se difere nos traços do rosto.*

*Ou ainda na costa larga e no nó do pescoço...
Tenha a santa paciência, ó minha gente!
É muito melhor uma fruta que não tem caroço
E nem outros enrosco – da pervertida carência...*

*Em decadência abusiva, persiste,
Esses iracundos - pecadores obscenos...
Que pelas ruas propagam suas bagagens e problema.*

2. O cronista à distância

Exemplo: 02

02. INVENTOS DE CIGARROS INOCENTES

Antigamente os meninos queriam inventar
Uma fumaça que fosse diferente,
Então, colocavam na palha do milho seco,
O fumo picado misturado com creme dental
Para dar aquele gosto de menta excepcional...
E outras vezes colocavam erva de mate;

Ou ainda até mesmo o chocolate,
A fim de fazer variações de cheiro de fumaça.
Hoje em dia, as coisas estão mudadas,
Os audaciosos da máfia da maconha
E outras tantas drogas – além da cachaça...

Trabalham assiduamente nessas desgraças!
Para infiltrar nos adolescentes a negra barraca...
Que mata sem piedade a sua própria raça!
Enriquecendo-se rapidamente – são negras traça!

Antigamente os meninos queriam inventar
Uma fumaça que fosse diferente,
E se advertiam com inventos inocentes.

3. O cronista à distância

Exemplo: 03

03. OS VICIADOS EM NARCÓTICOS

As viciadas fumaceiras sobem e descem os morros...
Indo e voltando a caminho dos centros das cidades:
Fumam cigarros enormes de maconhas habituais,
Aos maus costumes dos viciados liberais.
Os cigarros são fininhos e compridos de maldades...
Nãos dos cigarros, mas dos viciados rumo as morras...

Pela boca da noite sobem os morros de cabeças suadas
E se recolhem em seus casebres de madeira
Ou ainda de alvenarias.
Tão sós e perdidos nas trevas – imaginam: fantasias...
A sociedade busca ajudá-los, mas acaba quase em nada!

Pois eles próprios deveriam ser os primeiros
A almejar a libertação dos vícios de maldita ilusão! Mas...
Não querem as nossas saúdes psicológicas
Porque se acham acertados nas escolhas de narcóticos!

Fumam, cheiram, injetam...
São escravos dos demônios – rodopiando em trevas;
Onde o Rei satânico! Os arruínam e os leva e leva...

4. O cronista à distância

Exemplo: 04

04. OS SUICIDAS DE HOJE EM DIA

Os suicidas de hoje em dia,
Acostumou-se a se suicidarem lentamente,
Para não sentir – de si mesmos – a serpente!
Por isso, bebem bebidas alcoólicas!
Fumam venenos misturados aos tabacos!
Comem químicas e cheiram farinha e talco...

Parecem latas de lixo ambulantes
Que só recebemos lixos e nunca despejam
Nos lixões de descarrego constantes.
Por isso são uns verdadeiros suicidas
De suas vidas numa espera delirante!...

Estão vivos por fora e semimortos por dentro...
Carregam um corpo pesado de drogas

E cabeça esvoaçando, ao vento...
Onde buscam cores e acham a morte mais lenta;

Mas morrem mesmo assim em pouco tempo.
Os suicidas de hoje em dia,
Acostumou-se a se suicidarem lentamente...

5. O cronista à distância

Exemplo: 05

OS MORALISTAS BARATOS

Habitualmente, os moralistas executam ideologias,
Que na verdade não têm o nível global da espécie...
Pois ali não está à soma de várias visões humana;
Mas eles pegam o bonde andando
E se enchem de razões (mais pra mulçumanas)
E sentam o pau na cabeça alheia com vã filosofia.

Acho temíveis tais cabeças de moringa,
Que tem água lá dentro – em nível de coringa...
Que tentam encaixarem suas ideologias em tudo,
Que ouve..., mas quem os ouve nunca as põem na cabeça
Quais os jogos que usam o coringa...

Mas as põe no estomago;
E a urina qual a água de moringa: em tenebrosa urina.
Os raciocínios apurados de ideologias globais
Já se escorregam muitas das vezes por orifício anais...

Quanto mais as parciais?
- Acho loucuras às moralidades tais...

3. CRÔNICA DESCRITIVA

A crônica descritiva é caracterizada pela linguagem conotativa, particularizada e com uma captação impressionista, ou seja, é a descrição de seres animados e inanimados, transmitido sempre de uma maneira dinâmica.

Exemplo: 01

01. CAIS QUEBRADO

Sinceramente, a negligência ali era tão grande que,
Os navegantes tropeçavam no cais a ponto de cair:
Eram tábuas velhas remendadas com outras,
Para evitar a imersão de gente n'água,
Mas o tropeção pelas as emendas eram inevitáveis!
Por isso, os tombos e calções nas testas enxotavam.
Os chifres que para brotar, já se preparavam...

Uma moça bonita da testa quebrada
Queria porque queria sair comigo, naquela enrascada...
Nunca tinha visto tantas mulheres sozinhas
E velhos assanhados
Numa embarcação mirim
Dando apoio a malandragem:
Fui chamado de trouxa devido a minha fidelidade.

Hoje em dia, não querem contar mais ponto positivo,
Quando alguém zela pela a integridade
De ter uma consciência inteira:
É igual aquele velho cais quebrado e remendado.

2. Crônica descritiva

Exemplo: 02

02. O PITO DA Vovó

Tira o pito dona Maria!

- Tiro não sô João!
- Olha que você tira!
- Tiro não!

Um dia essa Dona Maria
Se a convertes ao evangelho,
E não podia mais fumar o seu pito,
Mas fuma escondido.
E eu não sabendo disso, brincava:
Tira o pito dona Maria!
- Tiro não só João!
- Olha que você tira!
- Tiro não!...

Mas a Senhora agora é evangélica Dona Maria!
- Sim eu sou!
- E por que pita?
- Eu não pito mais Senhor João!
- Eu não disse que a senhora tirava!
- Tiro não, Sr. João! Digo da lembrança Sr. João.

Um dia vieram fazer uma oração para o Sr. Zé
Que era o seu marido e estava com uma enfermidade no pé:
Então entremeio os Cristão e o Velho Zé
Subia um clamor a Deus que o Libertasse do pé!
Mas a sua netinha de sete anos também clamava e dizia:
"Oh, Senhor! Sara o pé do vovô e tira o pito da vovó..."

3. Crônica descritiva

Exemplo: 03

03. A VELHA E A CABRITA

Fatalmente,
A misericórdia se escorria no sangue vermelho
Daquela cabrita gordinha, para o corte.

O sujeito de largos fios desbotados no bigode,
Imotivado pela a fome de uma velhinha
Que reclamara que não comia há três dias...
Resolvera, pois sacrificar o bichinho: a cabrita
Sinceramente,
Fiquei com mais pena do bichinho vivente,
Que perdera a vida por uma situação vigente
Que poderia ser resolvida, simplesmente,
De outra maneira menos incoerente.

Alegrou-se a velhinha por ter matado a sua fome,
Mas tão logo se murmurou dizendo,
Detestar carne de cabrita,
E que só comera porque estava morrendo...
No entanto, três dias depois partira do mundo,
Com a sua velhice terminal – morte oriunda.

O sujeito de largos fios desbotados no bigode,
Sapateou envolta do caixão da velhinha
E lamentou-se:
Em vão foi à morte da minha cabrita de estimação;
A velha de todo jeito iria morrer...
Poderia eu, ter lhe dado outro alimento qualquer...
Mas fui estúpido e não tive misericórdia da cabrita.

3. Crônica descritiva

Exemplo: 04

04. CONTRARIEDADE DOS SAPOS

Os sapos do Rio Iguaçu enfrentam,
Uma enchente medonha: Transposição,
De tempos antigos (épocas em que chovia):
Há, anos e mais anos de secas:
Insônias de lavradores,
Que lavravam as terras com amores.

Os sapos viviam encurralados
Nos cantinhos das rochas,
Nas águas minguadas que pareciam poças...
Porém agora, os lavradores transbordam alegrias;
E os sapos calafrios... como se isso fosse um mal:

Só porque as águas os arrastavam rio afora...
Os sapos do rio Iguçu,
Ignoram os efeitos das águas do rio,
Que levam vida aos lavradores e lavouras,

Dando esperança e prosperidades,
- Opostas às misérias dos rios em poças...
- Os sapos desacostumaram com a fartura do rio.

3. Crônica descritiva

Exemplo: 05

05. A MOSCA DA SOPA

A mosca horrorosa sentou minha sopa
Parecia um avião sobre as águas
Em busca analítica...
Roubou o meu alimento predileto
E me deixou naquele nervoso sintético...
Sem tomar a minha janta: que virou... Creco!

Sopa perdida, panela vazia, estômago na fria...
Pois já não havia mais macarrão na dispensa oca:
A mosca viera para tirar a água da minha boca,
Que estava doidinha para tomar a bendita sopa,
Em que, esperava esfriar para pôr a barriga em dia.

Minha nossa! Como me perseguem essas moscas!
Ou eu matar essas malditas voadoras
Ou vou me mandar desse lugar que tem agouro,

Contra a minha janta feita de cheirosa sopa.

A mosca horrorosa sentou minha sopa
Parecia um avião sobre as águas
Em busca analítica...

4. CRÔNICA NARRATIVA

O ponto principal de uma crônica narrativa é uma história, que se aproxima de um conto, porém um pouco menor. Conta um episódio inusitado cuja trama é leve e que pode ser compreendida facilmente. Envolve muita ação, poucas personagens, e um desfecho inusitado. A narração pode ocorrer em 1ª ou 3ª pessoa.

Exemplo: 01

01. A TÁBUA DAS MENINAS

As meninas tinham a tábua em ambos os colos...
E rindo-se desenhava alguma bobagem,
Mistério ou sacanagens de sua idade...
Gritaram sem hesitação quando me aproximava...
- Eh!... Pode ficar ai onde está! Disseram-me.
- Claro que sim! Suas espertinhas de miolos...

Estão riram-se de mim e das minhas palavras:
- O velhote quer ver o nosso desenho,
Razoaram entre si, num fuzuê desgraçado.
- Dei-lhes as costas e sai emudecido,
Mas elas queriam pôr o desenho na minha cara.

Então correria atrás de mim, me forçando a ver!
E fiquei abismado de ver tamanha ousadia,
Pois era exatamente a minha imagem que ali estava,
Mostrando a perfeição de arte, com suas artes...

“Nuzinho da silva!...”.

Achei belos e horríveis ao mesmo tempo!

Pois de onde tiraram os meus íntimos detalhes?...

4. Crônica narrativa

Exemplo: 02

02. O CAÇADOR DE PASSARINHOS

Minha nossa!...

- Santa Maria, Santa Luzia! Santa forquilha...

- A pedrada foi direta ao passarinho;

Mistura do canibal menino da roça:

Ele come todos os, que encontra, até que possa!

É o menino faminto – terror dos passarinhos.

Tenho dó dos passarinhos que morrem!

E tenho dó do menino, quando eles correm!

O menino tem fome de canibal

E os passarinhos rapidez abissal

Para não virar comida do assassino mirim.

Minha nossa!...

- Santa Maria, Santa Luzia! Santa forquilha...

Tenho dó dos passarinhos que morrem!

E tenho dó do menino, quando eles correm!

Acho que Santa Maria; e Santa Luzia.

Gosta mais do menino canibal,

De que, dos passarinhos que caem nesse mau.

4. Crônica narrativa

Exemplo: 03

03. A BRUXA ESQUIZOFRENIA

Caso perdido! Alma varrida...

A bruxa varreu o ódio e o amor e levou consigo!

Agora a pobrezinha está boquiaberta:
Não fala, não ri – nem reclama e nem chora!
Caso perdido! Alma varrida...
A bruxa levou e a deixou, entorpecida.

O psiquiatra se empenha ao caso de curara!
A cura é quase impossível,
E o psiquiatra tão sensível – que chora!
Acho que se meteu nesse caso furado
Com o coração cheio de ciências e esmola.

Outros casos lhe parecem banal – mas esse,
Parece-lhe um desafio tão abissal... que,
Se não conseguir resultado algum – vai ser mal:
Talvez tenha que se tratar com um amigo psiquiatra,

Para lhe consertar a lata – da mente em diagonal...
Caso perdido! Alma varrida...
A bruxa esquizofrenia varreu o ódio e o amor.

4. Crônica narrativa Exemplo: 04

04. A EX-MISS NA VELHICE

Rugas atrevidas encheram o corpo da ex-miss.
A beleza de outrora se apagou como o giz,
Aos esfregões do malvado apagador;
Que do quadro negro apaga a matéria escrita...
Pois sou também um giz escrevendo a história,
No quadro do destino em que, o mestre quis!

Às vezes somos usados até o fim em que,
Suporta uma vida humana – e às vezes somos
Quebrados ao meio ou em qualquer outra parte...
Essa arte, pertence ao mestre que nos criou:

- Deus faz de nós, tudo aquilo que nele se idealizou!

A ex-miss enrugada chora a sua velhice ao espelho,
Mas a vida é assim mesmo: no corpo e no clero!...
Tudo se envelhece diante do azul e do vermelho...
O bem e a beleza são lembrados com inspirações boas!

Mas as maldades e a feiura – com inspirações tristes!
Assim relembra e Ex-miss que antes fora: boa!
De corpo e coração, e agora, a feiura lhe resiste.

4. Crônica narrativa

Exemplo: 05

05. O HOMEM DO SUSPENSÓRIO

Em tão lindo suspensório - atrevidamente,
Esconde-se um feioso gorducho.
Pois, invés de chamá-lo assim...
Chamam, de homem do suspensório!
Sei que lhe valeu apenas o novo estilo;
Já que pôde esconder o terrível apelido,

De Empório de banha!
Pelo o que lhe aconteceu até parece,
Que se detém detrás de uma larga cortina
De nylon, pondo só a cara para fora...
Ou ainda parece um empório de banha,

Com sua porta fechada... E todos admiram
A beleza da porta e sua fachada;
Porque não veem mais aquela barrigada.
Em tão lindo suspensório - atrevidamente,

Esconde-se um feioso gorducho.
Pois, invés de chamá-lo assim...

Chamam, de homem do suspensório!

5. CRÔNICA LÍRICA:

A crônica é lírica quando a saudade, a emoção e a nostalgia aparecem no texto buscando interpretar de forma poética os sentimentos.

Exemplo: 01

01. MENINA SAFADA

*Cada uma que me acontece!...
A minha cabeça sempre esquece,
De que, eu não posso mais te olhar assim...
Mas o teu corpo me arrasta os olhos safados,
Que antes de tu passares, eles estavam inocentados...
Tu me fazes errar, oh, menina descarada!*

*Não quero olhar e acabo olhando...
Tu sabes e passas me insultando, pra me levar;
Aos delírios dos desejos doces em peguinho...
Todo mundo cai pra cima de mim,
Numa guerrilha! (Querem me massacrar por ti).*

*Cada uma que me acontece!...
A minha cabeça sempre esquece,
De que, eu não posso mais te olhar assim...
Mas o teu corpo me arrasta os olhos safados,

Que ante de tu passares, eles estavam inocentados...
Tu me fazes errar, oh, menina descarada!
Se me queres? Vamos logo dar uma escapada...*

5. Crônica Lírica

. Exemplo: 02

02. A GAROTA DE ARAQUÉM

E... Derrubou-me um olhar tão belo, mas pesado...
Que fiquei titubeando no mistério engastado
N' alma e no suspiro – do que seria aquilo?...
Achei melhor me calar e mascar aquele peguilho
Tão intrigante e pesado, mas, doce e tranquilo;
Porque ainda não se sabia o segredo, aos trilhos...

Só sei que o mistério estava à inocência do meu olhar,
Mas para ela que sabia o porquê do seu peso
Aos trilhos a rolar... estava apenas receosa a me olhar.
Aquele trem feminino veio com tudo para o meu lado:
Os trilhos estavam nos ares e na minha mira, a balançar-se...

Naquele instante saltei de lado do trem para não morrer,
Mas infelizmente um amigo meu que estava na festa
Não soubera evitar a tamanha tragédia daquele baque!...
Então no outro dia fiquei sabendo, qual era o saque...

A garota bonita e doce era uma Gata de Araquém!
O peso dela estava no disfarce de voz a esconder o caco;
E na embalagem onde se esconde alavanca e saco.

6. CRÔNICA REFLEXIVA

A crônica reflexiva é aquela cujo autor projeta sua interioridade sobre a realidade que está a sua volta, interpretando-a e registrando-a através de conjecturas, inferências e associações de ideias. **Exemplo: 01**

01. A COMPLEXIDADE DAS RELIGIÕES

Política é uma palavra que não me aflige o bastante,
Qual a palavra “Religião”...
Pois o político representa o povo,
A corrupção e o ovo...
O povo sempre sabe o que tem lá dentro...

Todavia, a religião é constrangedora porque representa:
A fé, a esperança e a Caridade.
No entanto, a fé e a esperança deveriam nascer da caridade,
Como se ela fosse o verdadeiro ovo...
Mas a religião já não bota mais
O tão esperado ovo para que vejamos:
A fé e a esperança, nesse inumerável povo.

Não generalizando o comentário excedente:
Certamente, têm algumas galinhas que bota ovos e a choca;
Satisfazendo a ansiedade e necessidade de muitos carentes...
Mas, têm muitas outras galinhas que fingem botar os tais ovos,
Mas infelizmente, só recolhem os grãos de milho do povo,
Que vive tentando exercitar a tal caridade – e, são covers...

6. Crônica reflexiva

Exemplo: 02

02. LÍNGUA DE TRAPO

Esses sopros de gírias... doe-me até as virilhas...
Como são bestas esses humanos
Que vive falando e falando - ao vento cotidiano...
Com suas línguas de trapo
Palavras que só eles entendem: São desumanos...

Pra ter filho assim, nesse desengano!
É melhor ser pai de sapo
Com aquela boca grande: Coaxe... coaxe...

Eles não entendem
Que isso que aprendem – esvazia a alma...
E fica parecendo bichos com cara de ratos no lixo
E por isso se surpreendem com os passos firmes,
Dos verdadeiros humanos.

Lugar de rato é no lixo e de sapo, no rio:
Hei! Joguem fora essa língua de trapo
E aprenda a língua do nosso Brasil;
Se é que querem ser respeitados, como gente heril.

6. Crônica reflexiva

Exemplo: 03

03. CRÔNICA POLÍTICA

Sem caráter algum,
Escova os dentes e punha na cara um sorriso quente...
Abraça a poluição e dá beijinho nas crianças,
Faz um gute, gute nenenzinho...
E vai vendendo a sua farinha... de político eloquente.

Esse sorriso nos sairá caro,
Por isso fata dinheiro para melhorar os salários:
Coitado dos professores, pensionista e aposentados;
E outros tantos que mastigam... Salários de otários.

Putsche!... Que sorriso doce e falsificado:
O povo suspira cheio de expectativa de melhorias,
Mas esse sorriso nos leva ao Calvário a ser crucificado...
E cada um que vai substituir o outro,
Promete que vai fazer de nós: Um povo ressuscitado!
Putsche!... E o povo acredita nessas lábias.

Credo em cruz... Ave Maria!
Somente Cristo fora ressuscitado da morte da cruz!
Porque os outros ficaram enterrados, mortinhos da silva:
Querem nos pendurar num madeiro de maldição,
Quais aqueles malfeitores do tempo da crucificação.

Sem caráter algum,
Escova os dentes e punha na cara um sorriso quente...

Vai enganar trocha assim lá nos infernos!...
O povo precisa ser mais consciente e menos carentes,
Desses blábláblás... parecem que gostar de lorotas...
Mais todos os políticos são políglotas, nas mentiras.

7. CRÔNICA METALINGUÍSTICA

A crônica metalinguística é quando o autor escreve sobre o próprio ato de escrever, sob a forma de uma reflexão despreziosa, de uma retrospectiva das primeiras experiências com as letras, de uma análise da palavra. **Exemplo: 01**

O poeta eu

Esta crônica tem a virtude de enaltecer,
Os atos de certos momentos que nos sobrevém,
Por forças do desígnio inevitáveis
Ou daqueles que provocamos...
De maneira, que duma forma ou de outra,
Os momentos em que vivemos,
Configuram a nossa jornada de vida.
As poesias deste volume registram os momentos,
Em que, a minha alma foi flagrada pelas inspirações...

Busquei conhecimentos profundos,
Para ilustrar os meus próprios desígnios...
Registrando os momentos!
Mas considere as expressões profundas...
E as mais singelas, importantíssimas a nossa vida!
- Observei algumas almas...
Que transbordavam o fulgor de preciosos momentos!
E outras que, desfiguradas pela constante Amargura...
Quase inconsoláveis, exprimiam penosos gemidos...

Às vezes me assento e debruço
Ao encosto duma cadeira, cansado em sonhos! ...

Transbordando ideias recentes e antigas!
E, com os olhos quase vendados,
Pelas pálpebras umedecidas...
Mergulho os meus Pensamentos
No íntimo dos tempos...
Revivendo os momentos singelos e profundos...
Para tirar dali agros ou doces sumos,
E derramar aos contextos poéticos.

8. CRÔNICA-COMENTÁRIO:

A crônica-comentário é um texto cujo foco principal é a interpretação do autor sobre um determinado assunto, num ponto de vista quase jornalístico. Predominam as impressões críticas, com ironia, sarcasmo ou humor. **Exemplo: 01**

01. Que besta véspera de natal.

Ontem o sol se pôs todo iracundo...
Enraivecido com a popa das nuvens, desaguando...
Uma chuva besta e atrevida caiu-se pela cidade
Para estragar o movimento em véspera de Natal.
O passarinho correu com o seu pobre pardal
Que molhado da chuva tinha um feio visual...

Pardal molhado é coisa de besta
E jamais fará parte da sesta – do erudito natal.
Somente o peru leva essa glória
Na sua morte antecipada,
Para a glorificação dos homens.

Ele de nada se pode gloriar
É uma besta ave a consumo de um almoço ou jantar.
É a chuva que se veio e o sol que se foi
E depois dela estragar tudo! Se for deixando as cheias...

Oh, que Natal besta meu Deus do Céu!

Comes e bebes de gente incrívelula
E chuva com cheias – e perus mortos à meia...

8. Crônica-comentário:

Exemplo: 02

02. Decepção de um interiorano

Em robusta estrada me levou o sonho que tinha
A morar na grande Cidade, em alinhó...
Um alinhó de progresso, promessas e esperanças,
Que brotava em todo Cidadão Paulistano.
Mas, com o tempo fui percebendo que,
As crianças cresciam e os velhos morriam

Embutido num mesmo desengano, de sonhos.
Propus a Deus numa prece inesquecível, de que,
Eu voltaria ao interior como quem desce ao declive...
Porque todo aquele que não termina o barranco
Está sujeito a escorregar, ao desengano enfadonho...

Na verdade, eu me embirrei comigo mesmo,
Quando percebi que, a minha prece não subira a Deus;
Quais os meus sonhos também não puderam subir só...
A minha prece escorregou da sua subida e virou pó,

Mas em mim, empoeirou como que um pó em breu...
Então me embirrei em não voltar ao interior
E me envelheci em São Paulo – magoado e com dor.

8. Crônica-comentário

Exemplo: 03

03. O viúvo aborrecido

Nem o chá e nem a chaminé,
Vão fazer o verão nessa casa.
Tenho a alma apagada
Qual o fogão a lenha molhada:
Nem chá e nem fumaça;
Se, desce ou se sobe – nessa ultrapassa,

Ultrapassa em que a vida me pôs
Por uma mulher a feijão e arroz...
Só pensava em comer e dormir,
Mas mesmo assim fazia persistir
Um ar de vida acesa na casa.

Sei que a morte viera buscar para dormir,
Eternamente - Já que só pensava nisso!
Mas para mim, agora viúvo: Um precipício.
Tudo ficou ainda mais triste!

Se antes já não a era,
Pela a sua ausência de mulher aquecida.
Imagine agora!...Vivo apagado e aborreci

8. Crônica-comentário

Exemplo: 04

04. O uso ilegítimo das leis

Coisa absurda se esconde nos cordéis de confusão;
As quais nunca se aparelham à realidade da razão...
As razões de vítimas – de diversificados ângulos,
Perdem-se nos absurdos de negras cirandas...

Os homens das leis abanam e abanam,
Os direitos humanos daqueles que têm razão;

E aqueles que são para ficar dentro da peneira
Como os bons grãos,
Acabam por cair no chão – como pedras e palhas...
Por causa dos homens das leis que passam a navalha
Nos direitos daqueles que tem razão.

As leis que temos escritas na legislação são boas!
No entanto, o problema está naqueles que manejam,
Com os abanos da corrupção,
Passando a navalha na cara daquele que tem razão.

A ilegitimidade do verdadeiro uso dos direitos
Humanos, vem estraçalhando os direitos dos patriotas;
Que acabam ficando no chão com caras de idiotas.

8. Crônica-comentário

Exemplo: 05

05. A ditadura e a dita mole!

Muitas lembranças amargas se remo ainda
Nas lembranças de pessoas antigas;
Que participaram partes de suas vidas
Desse sistema repelido – “A ditadura Militar”.
Depois de tantos e tantos anos
Essa calamidade foi removida do seu lunar...

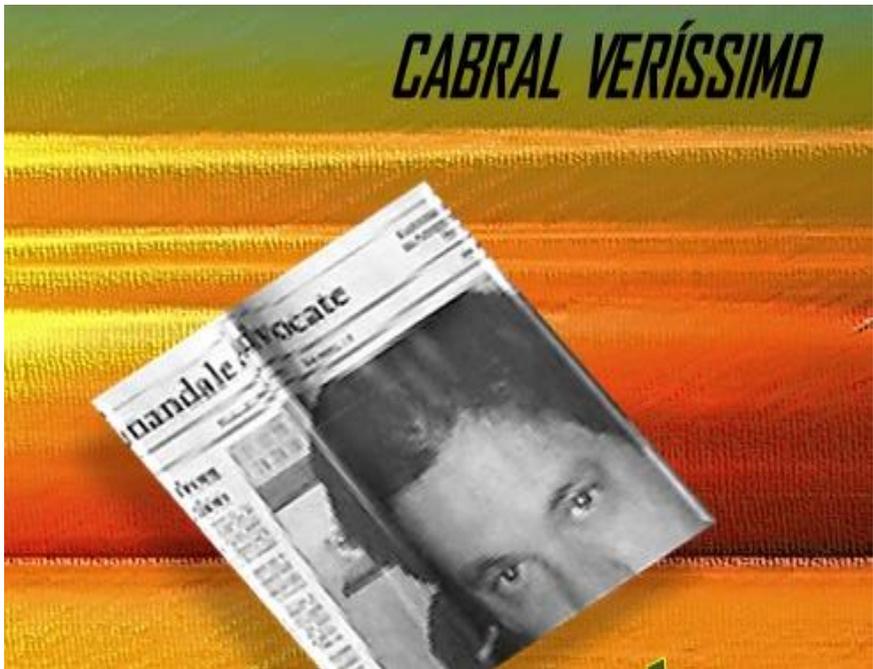
Agora o novo sistema se alastra e se idealiza;
Soltando a liberdade de expressão,
Munida de sentimentos enclausurado
Para percorrer a mídia - sem censura:
- Fizeram da “Ditadura a Dita mole! ”.

TRIAGEM DE CRÔNICAS - páginas: 31/140

Essa Democracia é uma: “Dita Mole! ”.
É uma dita que fala e fala e ninguém receia
O pavor dos processos penais e prisões...
Pois os Advogados manejam fácil a moleza

Das condenações – reduzindo as penas
E pondo os réus na rua
– Pelos os esquemas
Ordinários da Dita Mole que vende as frescuras!...

IV. 200 CRÔNICAS DE ENTRETENIMENTOS



001. RÉDEAS DA LIBERDADE

Não quero a liberdade absoluta...

- Nem o espaço bruto dos animais...

- Nem quero os sonhos de macacos,

Nem a má sorte do destino opaco

(De estar detrás de uma jaula).

- Eu não sou Macaco, nem Índio:

Ou qualquer outro bicho...

Para viver entremeio garranchos das matas,

- Nem tampouco ladrão de verba micha,

Para curtir o mofo de uma jaula chata.

Não quero a liberdade dos Jalofos,

Da tribo africana, da região de Senegâmbia.

Nem tampouco a covardia da coragem mofa...

Desses poderosos que é qual uma lâmia!

Esses poderosos falam com tanta eufonia...

Que a expressão tem suavidade feminina...

- Mas, depois chupam o sangue dos inocentes...

E se retiram quais aves dementes!

(E nunca mais!...).

Eu não quero ser bicho Índio,

Nem bicho fera na seca relva,

E menos ainda!...

Os bichos homem indigentes, livres na seca relva.

Não quero ser ladrão livre,

Nem inocente preso.

Não quero o poderio dos grandes,

Nem a insegurança dos indefesos...

Que pelo mundo se expande...

“Quero apenas ser eu, com os meus compromissos”.

002. BOM DIA A CAVALOS

Malucos são todos os poetas e dramaturgos...
Profetas e Filósofos...
Ou qualquer outro que trabalha a arte escrita,
Que expressam o poder do absurdo rito!...
Esses intelectuais deveriam nascer mudo e surdo
Para evitar se encher o mundo – de suas marmitas...
O povo vive a comer todas as suas artes eruditas.

Aquele que não come as letras desses malucos:
São aqueles que comem e escutam os críticos, e,
Precipitam-se ao despenhadeiro dos tais faladores,
Indemoniados críticos que falam e falam...
E dão bom dia a cavalos...
Pensando ser respeitados
Por ouvintes ou leitores intelectuais;
Mas estes são os que os veem - perdidos em Haras...
Criticando os grandes mestres da escrita e da fala...

Bom dia oh, malucos! Vós sois cavalos.
Bom dia oh, indemoniados críticos!
Vós sóis livres para passear pelos os Haras...
E mostrar a vossa arte de dar "Bom dia aos cavalos".

003. O ÚLTIMO FURTO

O último furto antecedeu ao barulho da morte...
Pois aquele pobre garrote,
Morreu tentando levar o pertence alheio
De um materialista que tinha sangue ruim nas veias.

Um rapazinho de menor de idade, desarmado,
Tentou furtar um relógio de um padeiro.
Pois a porta do fundo da padaria estava aberta
Quando o rapazinho adentrou pensando ser esperto
Ao cobiçar um relógio de pouca valia,
E lhe custou à vida, enquanto:
Ao infeliz padeiro: Muitos anos de cadeia

Duas ações inconvenientes ouviram ali
Que não tinha necessidade do crime de morte,
Já que o pestinha estava desarmado:
Isso não se encaixaria a legítima defesa
De forma alguma! Meu Deus, que tolice,
A consciência humana estava sem rumo...

Um corpo debaixo da terra e outro na Cadeia,
Porque jamais isso poderia deixá-lo impune:
O relógio ficara dependurado na padaria,
Simbolizando (Uma prisão e uma ossaria).

004. COITADO DOS TONTOS...

Coitado dos tontos...

Lá na selva eles se advertem,

Com lépidas caldas cumpridas,

Enrolando-se aos galhos:

Os tontos eram macacos...

Macacos que caíam em armadilhas... E saíam felizes!

Engaiolados em caminhões

De espertalhões que vinham da cidade.

Os amiguinhos da Selva saíam para cidade,

Sem saber que lá se apartariam a boa amizade:

Uns eram levados para os circos,

E outros para os zoológicos (grandes e pequenos)

De diversas localidades...

- Ali encontravam novos amiguinhos,

E um grande número de admiradores...

- Lá nos circos multidões os aplaudiam,

Pelas graças que faziam nos palcos...

(Mocidades, crianças e idosos, admiravam-nos!).

No zoológico então, o contato era ainda melhor:

As pessoas se aproximavam sorridentes

E as crianças davam gargalhadas...

Parecia-me que alguns, dizia: Que legal essa vida de agora...

Quanta gente me olhando!... Isto aqui está bom demais!...

(Mas, outros ficavam amuados num canto a chorar) ...

- Os macacos também choram com seus modos de animais...

- Não desta nossa forma em que choramos, é claro!

- Coitados dos tontos ficavam amuados... Só Deus sabe!...

O que sentiam naquelas horas...

005. A BUSCA DE POSIÇÃO SOCIAL

Ruas estreitas, torcidas quais cobras,
Subindo e descendo morros enormes,
Com sede e fome de fazer o progresso...
De gente que nascem e crescem
Esfomeados de ser alguém importante
E ter valores atraentes de capitais...

Esse é o Brasil de todos,
Ou, de quase ninguém!
Pois são poucos – os que têm muito...
E muitos – os que têm pouco...
As ruas das cidades se enchem de gente
Que tem uma posse, ralé!
(São muitas Marias e muitos Josés) ...

O nascimento incerto de novos brasileiroinhos
Sucedem a cada instante,
Sob os gritos alto-falantes:
De pais, parentes e amigos.
(O nascimento é um perigo de sofrimento).

Crescei e multiplicai...
Oh, raça de ignóbeis víboras...
Pois, tanto os Ricos quanto aos pobres,
Ao mal se irrigam... outro pior perigo!...

Ruas estreitas, torcidas quais cobras,
Subindo e descendo morros enormes,
Com sede e fome de fazer o progresso...
De gente que nasce e cresce
Esfomeados para ser alguém importante
E ter valores atraentes de capitais...
São cobras que mordem e se mordem
Para se instalar,

Sob o sol de uma posição social.

006. O RISO POLÍTICO

Sem caráter algum,
Escova os dentes e punha na cara um sorriso quente...
Abraça a poluição e dá beijinho nas crianças,
Faz um glute, glute nenenzinho...
E vai vendendo a sua farinha... de político eloquente.

Esse sorriso nos sairá caro,
Por isso fata dinheiro para melhorar os salários:
Coitado dos professores, pensionista e aposentados;
E outros tantos que mastigam... Salários de otários.

Putsche!... Que sorriso doce e falsificado:
O povo suspira cheio de expectativa de melhorias,
Mas esse sorriso nos leva ao Calvário a ser crucificado...
E cada um que vai substituir o outro,
Promete que vai fazer de nós: Um povo ressuscitado!
Putsche!... E o povo acredita nessas lábias.

Credo em cruz... Ave Maria!
Somente Cristo fora ressuscitado da morte da cruz!
Porque os outros ficaram enterrados, mortinhos da silva:
Querem nos pendurar num madeiro de maldição,
Quais aqueles malfeitores do tempo da crucificação.

Sem caráter algum,
Escova os dentes e punha na cara um sorriso quente...
Vai enganar trocha assim lá nos infernos!...
O povo precisa ser mais consciente e menos carentes,
Desses blábláblás... parecem que gostar de lorotas...
Mais todos os políticos são políglotas, nas mentiras.

007. TEMPO E ESPAÇO

Os navios encostaram-se aos cais marítimos,
(Rampa intermediária, entre a desgraça e o capitalismo),
Para transportar os frutos opacos dos brios encardidos,
Desses míseros humanos, empanados e desnutridos!
Desprovidos de qualquer direito humano de ser...
Gente igual a nós - porque antes desse mal, os eram!

Os navios encostaram-se aos cais marítimos,
Para transportar as exportações clandestinas de madeira,
Café, carvão e açúcar e outras tantas miudezas,
Íntimas brasileiras:
Sem falar nas escavações para encontrar o ouro dos garimpos.

Dentro dos tempos e espaços,
O gelo se derrete e traz a normalidade,
Mas depois disso, vem o mormaço e as chamas de fogo,
Que derrete até o aço!...
(Tudo se constrói e se destrói na irregularidade).

Antes era:
Os navios e a escravidão contidos no seio da escravatura,
Encantando diabolicamente os escravocratas na capitalização!
Porém hoje a liberdade,
Que deveria ser algo de grande satisfação,
Também já se esgarça em gigantesco ferrão!...

Escravos brancos se enroscam na liberdade
Que parece um oceano... E se for...
Muitos estão semimortos boiando na espera de socorro...
O modernismo tem por seus governantes os atuais capitalistas,
Que subordinam os novos escravos,
Agora de todas as raças e cores...
Porque dizem não serem racistas...
E não são mesmos!...

Todos estão postos as suas listas:

008. LIBERDADE NOS DIREITOS DO POVO!

Dentro dessa democracia e liberdade de vida,
Temos uma corda amarrada ao pescoço
Para pastar até certa altura...
Os cabritos e ovelhas vão a uma distância...
E os bois e cavalos têm uma
Distância maior devido à robustez que atingiram.
E os porcos?...
Os porcos ficam soltos, mas se subordinam aos chiqueiros...
Mas tem poço que arromba a cerca,
E ganha liberdade de outra maneira...
Deixa para lá!... Porcos e cabritos nunca serão bois e cavalos:

(...) O povo troca de emprego, ofício e ilusão!...
Há uma peleja contínua,
Mas prossegui numa mesma situação
Por causa da corda financeira que amarra
O pescoço, impondo limites à quase toda a nação.
Os porcos não têm cordas,
Mas arrombam os chiqueiros
E são pegos de qualquer maneira:
Vira-e-mexe... Estão dentro de uma prisão.

Os brancos são escravos livres e animais humanos;
De vez em vez, alguns acabam por prosperando:
(Saindo da escravidão banal).

Camelar feito escravos
É um habito que os pobres carregam sem inibição!
Eh!... Cadê a sua casa própria? (- Não tenho!)
Os pobres vivem sem condições alguma,
De terem as condições de saborearem o necessário pão!
- Comem o que não queriam!

O que queria e não comem: fica à irrisão!...
- O pobre anda de calças curtas, e tão curtas...
Que são humilhados na própria estação;
Enquanto isso, os ricos ficam com tudo, fazendo conspiração.

Tem políticos que falam em mudar tudo...
Pela a mera ignóbil das intuições;
Mas quem está o par de tudo,
Sabe que estão induzidos pelos os partidos;
Que se concentram a fazer uma boa politização
Para chegar às altas posições:
- Assim vai... assim vem...
O mundo é dos espertos e de mais ninguém!

009. OS OPOSTOS SE ATRAEM

Quisera nos entender,
Por necessidades do matrimônio obeso,
Engordado de quatro filhos lindos!
Mas nem toda essa necessidade nos mudara,

Pois a necessidade é rara! Amamos os filhos!
Nunca quisemos nos separar do matrimônio
Para não bagunçar a cabeças dos quatro filhos:
Parece loucura esse sacrifício – mas valeu apena!

Hoje somos velhos e os filhos já criados:
Aquele desejo de ser feliz n'outra união se foi...
Qual a besta que vai ribanceira abaixo...
Fizemos novos encaixes – em novo alinhamento...

Confesso que, os opostos se atraem!
Quisera nos entender,
Por necessidades do matrimônio obeso,
E numa linha oposta os nossos anos de vida, rolaram.

010. CONTE, MENTE BRASIL.

O Brasil vive escaneando um futuro,
Que o próprio destino da evolução ainda não escreveu...
Os raciocínios montam estórias em quadrinhos - e pensam...
Isso vai ser assim... Mas são apenas prognósticos vagos
E tão caóticos de pensamentos que lhes sobrevém,
Arrastando poeira humana ao futuro do – Hein!...
Como rodadoiro do inconsciente,

E até lá... Somente Deus sabe o que se irá aproveitar
Desses vermes humanos, que somos no presente:
Os mais frágeis e ignorantes ou,
Os mais sábios e relevantes – na força que parece ter,
Cairão ao abismo do esquecimento...
Que jamais serão esquecidos pelo o Criador do evento...
- A vida é um evento que dura, poucos anos;
E tem gente que quer ser o dono do mundo,
Não sendo dono nem de sua própria existência.

O conhecimento é um resumo daquilo que se vem vivendo
Desde o princípio. A etnologia agrega os costumes humanos,
De todas as suas eras existentes, configurando um cronograma,
Que se organiza fazendo a história de cada povo, língua,
Numa escala de Eras ascendente..., Mas,

O Brasil vive escaneando um futuro,
Que o próprio destino da evolução, ainda não escreveu...
Os raciocínios montam estórias em quadrinhos - e pensam...
Isso vai ser assim... Mas são apenas prognósticos vagos
E tão caóticos de pensamentos que lhes vem,
Como rodadoiro do inconsciente,
Arrastando poeira humana e levando para o futuro.

O futuro dá humanidade está ao deus dará!...
Por que, quem nós daremos agora, o que pertence ao amanhã?...

Os pensadores de hoje, escaneam páginas brancas...
E pressagiam Lendas de Sereia...
Pintando quadros do futuro como se fosse uma Realidade.

A palavra Brasil revela a expressão:
Espaço de convivência do Autor!
Pois fala dentro da sua experiência de vida do seu País,
Sabendo que os costumes humanos estão alinhavados
Em prognósticos semelhantes, ainda que não queiram.

011. CAIS QUEBRADO

Sinceramente, a negligência ali era tão grande que,
Os navegantes tropeçavam no cais a ponto de cair:
Eram tábuas velhas remendadas com outras,
Para evitar a imersão de gente n'água,
Mas o tropeção pelas a emenda era inevitável!
Por isso, os tombos e calções nas testas enxotavam.
Os chifres que para brotar, já se preparavam...

Uma moça bonita da testa quebrada
Queria porque queria sair comigo, naquela enrascada...
Nunca tinha visto tantas mulheres sozinhas
E velhos assanhados
Numa embarcação mirim
Dando apoio a malandragem:
Fui chamado de trouxa devido à minha fidelidade.

Hoje em dia, não querem contar mais ponto positivo,
Quando alguém zela pela a integridade
De ter uma consciência inteira:
É igual aquele velho cais quebrado e remendado.

012. EXPECTATIVA DE GOLS...

Quero os gols d' outrora...
Que ficaram desmanchados
Pelos erros dos chutes:
Dos atletas que não conseguiram,
Mirar a bola entremeio às traves...

Mas nos gogós lhes gemeram o som do glute,
Que já expectava o grito vibrante de goal...
Sem o baixo teor da voz grave
Murmurando aquele Ah!... Pelo erro do chute...
Ou até mesmo o lamento: putsch!...
Quase que marcava mais um gol.

E se marcassem - seria Captado de cada gol:
O grito vibrante de uma torcida alucinante... é goal!...
Seria um tremendo gol (um grande goal)
Iguais figuras musicais com fermatas
(Que faz o músico esticar o valor real da figura musical).

Então o goal se esticaria qual um som entre as matas...
E o feliz eco responderia a todos no ato:
A um povo verde e amarelo
De esperanças e sol (cor de ouro e prata).

Sarrafeiam nos espaços, inúmeras expectativas...
De invisíveis sarrafos - reforçando as esperanças,
Aumentando o mormaço...
Do clima esportivo em horas de aço:
(Driblar e chutar uma bola para gol, não é nada fácil!).

Para derreter as energias desses jogadores, atletas de fato!
É derreter o forte aço... do mais difícil campeonato:
Chamado: Jogos da copa.
Quero os gols d' outrora...

Mas... os que foram perdidos se acharão jamais!
- Quero as mesmas energias que se marcaram
Aqueles gols d 'outrora...
- Ou ainda, quero um pouco mais!...
Quero ver a taça erguida em recompensa aos treinos mil,
Junto aos gritos vibrantes,
De uma imensa torcida, feita de brio:
É gol de vitória! Do Penta Brasil.

013. GENTE CARENTE

Quando eu crescer eu quero ser gente!
Gente que pode comprar e vender
Fazer e desfazer nos seus negócios como quiser...
Comprar roupa, alimento e moradia,
Para os filhos e mulher.

Quando eu crescer, não quero ser, miserável!
E nem homem pobre, mesmo que eu seja de bem.
Moralmente é um miserável - também,
Onde o povo se disfarça e sai de lado
Dando sinais a outrem que ele é um fracassado.

Quando eu crescer não basta ser grande na estatura
E ter que enfrentar essa ditadura
Que se esconde no poder aquisitivo de quem tem!
Quero ser um desses também!
Para ser ao menos o meu próprio ditador...

Homem pobre não tem qualquer valor;
Pois não pode ditar nem o seu próprio amor:
Os filhos choram as necessidades da vida:
E ele olha e olha... Chora e chora de alma exprimida
Sentindo-se o culpado pela a carência obtida.

014. ISAURA, A GUARDA DE TRÂNSITO.

Súbito som de um apito me estremeceu a canela...
Quase que pus o veículo em cima de uma calçada
Abarrotada de gente inocente, a pervagar,
Confiante na direção dos estranhos motoristas.

Nem saberia eu dizer de onde me viera
Aquela sensação estranha de susto,
Por um simples apito de guarda,
Visto, de que eu estava legalmente com as Leis.

Estacionei a frente o veículo para olhar melhor
E analisar acerca daquele susto!... E ficara ainda pior:
Era um guarda feminino a me convocar,
Que parasse para lhe namorar, quais tempos atrás...

E disse-lhe, que goro eu não podia, pois era casado!
Melhor ainda seu bobinho... disse-me aos ouvidos;
Pois precisa pegar uma carne nova e comer assada
Ou quem saiba um belo de um ensopado?...

O meu olhar e ouvido esbarrou-lhe; comovido!
Isaura estava linda como ninguém,
Ao término de horário no seu transito de rua:
E agora já me apitava querendo ficar nua.
E para não afligir as leis desse transito agitado:
Pus-me a cumprir a sua exigência de modo legal.
Era Isaura a mulher que eu sempre sonhava,
Por isso, naquele dia falhei com a Lei conjugal.

015. SEM BOLSO

Sem bolso subi a festa com a intuição caída...
Pois uma pessoa sem nada no bolso,
Pode se dizer, que é um festeiro destituído.

Aquilo me bagunçava a cabeça, enquanto ia...
Mas algo me empurrava com invisível magia...
Chegando ao endereço referido, senti alegria!

Uma menina doce de uns 19 anos de idade
Direcionara-se a mim a título de uma amizade:
E o momento, sem bolso, parecia inconveniente.

Então a conversa ficara animadíssima e estável!
Acabamos por namorar e casarmos, imediatamente.
Naquele dia que eu estava sem bolso para a festa,

Foi o melhor dia da minha vida;
Porque tive amor no coração para dar a menina,
Que Deus pusera nos traçados do meu destino.

016. COISA DE LÍDER

Liderança para mim, seu moço!
É sinônimo de maldade:
O portador desse cargo espezinha à vontade...
Machucam os seus subordinados
Com cabeça erguida - e continua marcha...

Endurecem a cara com atrevidas carrancas,
Mas muitas das vezes não entendem nada:
Fizeram alguns cursinhos
Que os certificam de que, são os tais!...

Mas não passam de opressores e bajuladores,

Quero ver esses, caras...
Esmigalhados aos caninos das onças famintas,
Porque são uns desgraçados – jamais, uns mitos.

Comecei a ser um desses tais, encarregados,
Mas pulei fora para nunca estar a Vanguarda
Maltratando um trabalhador, desnecessariamente.

Ser Líder seu moço, não é nada bom:
É... Muitas das vezes obrigar os subordinados
A prestar mais atenção...
Naquilo que já está para lá de bom!

É uma espécie de engolir os elogios,
Ignorando os rios – de esforços que fizeram:
Ser Líder é inventar mentiras para criar efeitos
Psicológicos (Chantagens emocionais),
Na fiúza de ganhar elogios à custa da Equipe.

Ser Líder é ser!
Cabeça que manda e pés que querem subir
Os maiores degraus...
Seu moço! Ser líder é ser cabeça, pés e pescoço...
(Não compra nada dos trabalhadores a promovê-los) ...
Ser Líder é ser uma verdadeira merda
Querendo brilhar a custa alheia – isso para mim, fede!...

017. BOBAS PALAVRAS...

Bobas palavras, arqueológicas,
Sussurrava-lhes ao ouvido robótico...
Bobas palavras ao robô,
Preciosas palavras ao arqueólogo.

Júlia detestava ouvir aquilo que não acreditava;
E disfarçar já não dava mais,

Pois o seu ouvido já se ferrujava sem entender...
Arqueologia lhe era coisa de quem não tinha nada a fazer.

Valdo persistia a pôr a cabeça aquelas coisas,
Qual o evangelista tenta converter o Ateu.
Era uma briga de relação, argumentos:
Oh, Deus por que tanto sofrimento? Lamentava Julia.

Um dia se separaram, com pensamentos definitivos,
Devido as duas atormentas:
Ela porque não acreditava e ele pela a insistência.
No entanto depois se reconsideraram ao mesmo amor,
Sem as teorias arqueológicas: objeto direto da desunião.

018. LOUSAS DA EXISTÊNCIA

A cada caso na sua lousa... dizia-nos o velho Souza.
E assim a vida passou a se escrever na memória,
De outras, e minha pessoa,
Toda a história de sofrimentos e alegrias!

Tornei-me um Escritor por necessidade psicológica:
Era uma maneira de fazer uma psicoterapia
Para me aliviar de sofrimentos pertinentes;
E também para comemorar certa alegria vigente.

A cada caso na sua lousa... na lousa do tempo!
Cada texto retrata um tempo vivido;
E cada vivencia não escrita será tempo esquecido:
Mas as que se escreveram - Lousa da existência.

O morto se apaga para a vida - e os vivos esquecem
Até mesmo as suas coisas: quanto mais às coisas,
Dos amigos e familiares que morreram - Tudo fenece...
Por isso, a memória é uma lousa de arquivos apagados...

019. PÉS NO CHÃO

Quem adora o vazio do espaço,
Acaba qual uma garça
Solitária a revoar por sobre o mar...

Não preencherá o vazio da terra que pisa...
Porque se esbraseia aos ventos
Com suas asas de fogo: E no abaixar,
Metete o pico no mar a pescar o peixe,
Que acha.

A terra tem a sua consistência
Ainda que nela se propague a carência:
O mal e o bem não estão na terra pisada,
Mas em cada um de nós,
Industrializada,
Pelo o livre arbítrio...

Escolher isso ou aquilo?...eis aí a questão:
A gente escolhe um pouco de cada coisa
Para fazer o contrapeso
Em nossa vida cheia de ilusão.

Escolhemos, pois maior parte do bem.
Para que sejamos de equilíbrio benigno!
Cabeças nos ares e nos mares
Não fará bem a ninguém - só para a garça.

020. O PITO DA Vovó

Tira o pito dona Maria!

- Tiro não sô João!
- Olha que você tira!
- Tiro não!

Um dia essa Dona Maria
Se a convertes ao evangelho,
E não podia mais fumar o seu pito,
Mas fuma escondido.

E eu não sabendo disso, brincava:

Tira o pito dona Maria!

- Tiro não só João!
- Olha que você tira!
- Tiro não!...

Mas a Senhora agora é evangélica Dona Maria!

- Sim eu sou!
- E por que pita?
- Eu não pito mais Senhor João!
- Eu não disse que a senhora tirava!
- Tiro não, Sr. João! Digo da lembrança Sr. João.

Um dia vieram fazer uma oração para o Sr. Zé
Que era o seu marido e estava com uma enfermidade no pé:
Então entremeio os Cristão e o Velho Zé
Subia um clamor a Deus que o Libertasse do pé!
Mas a sua netinha de sete anos também clamava e dizia:
"Oh, Senhor! Sara o pé do vovô e tira o pito da vovó..."

021. O JORNALISTA DAS REMELAS

Nada era tão belo! Quais os teus olhos, sem remelas.
Surpreendi-me na primeira noite de aconchego,
Pois à luz do dia, enxergava qual um morcego!...

Eu torcia bastante para que você lavasse logo
Aqueles olhos caóticos - irritantes!
Mas talvez quisesse me amar no escuro
Dos teus olhos remelentos
E soltando ventos...

Começou ali,
A primeira desnutrição do nosso casamento:
Para uma Jornalista como você
Foi o maior de todos os furos!...
Só que contra você!

Nada era tão belo! Quais os teus olhos, sem remelas.
Surpreendi-me na primeira noite de aconchego,
Pois a luz do dia enxergava qual um morcego!...
E o nosso amor logo se acabou,
Porque tinhas remelas em todo o seu viver.

022. O VELHO DO BODE

O velho nordestino come a carne dos seus bodes
E outras pessoas não veem
Que ele não pode comer carne de gado
Devido ao preço elevado.

Reclama ele: só mesmo esses consumidores urbanos
Tem recursos para comer carne de gado:
Quisera também comer bem assim,
Pois já enjoiei de pato, galinha e bode - Oh my Gode!...

Um dia, o velho nordestino viera morar na Cidade.
Na casa do filho que tinha recurso à vontade...
E tão logo enjoara das carnes feitas pela a nora;
Então lamentava de que,
Ela não lhe comprava a carne de bode.

Voltando, pois para o seu casebre no pequeno sitio;
Passou a comer novamente a sua carne de bode
Com fagulhas de brilho nos olhos;
E uma infinita gratidão a Deus, por ser,
Tao somente o velho do bode.

023. O VELHO DA JANGADA

Ontem pus os pés numa jangada que fiz
E a pus rio abaixo...
No sistema,
Sacode esqueleto e quebre as águas,
Nos remos.

E tão logo que sai com a embarcação
Ganhei velocidade tamanha
Que passei por diversas montanhas;
Pois na descida todo Santo ajuda,
Mas para a subida... é Um Deus nos ajuda!...

Nem assim, fui acudido!
Talvez eu tenha descido feito um capeta
E os Santos que me ajudaram
Haviam feito umas mutretas...
Para ferrar o velho da jangada.

Pois tive que abandonar a embarcação
E tropeçar no chão - feito um velho cão...
A pedir socorro sem encontrar:
Quando cheguei a casa,
A velha não acreditara em mim
E queria pôr um fim, no casamento.

024. MAIS UMA BESTA

Mais uma besta que chegava ali, quando eu cheguei:
Esta era a visão dos ex-bestas, despertados...
Reunião para vendas de Sites - uma fria danada!
O cara comprava o espaço por um dinheirão
E os produtos nela divulgados
Eram para encher linguiça na negociação...
Ele ficava com o dinheiro do cara,
E o cara com a cara de um bobalhão.

Eu logo vi que era negócio gelado (Um Iceberg)
Aquilo quebrava o Navio de qualquer navegador.
Um Site montado com Loja virtual
Que não vendia nenhum objeto:
Parecia que na sua vitrine tinha coisa sobrenatural.
Não conseguiu me jogar nesse embuste
De negócios virtuais, mas... paguei pela reunião.
Fui mais uma besta que chegava para a embromação.

025. DEPOIS DA VELHICE

Onde está o riso da minha Juventude?
E aquelas energias cheias de atitudes,
Que fazia parecer, que venceria o mundo...
Mas o mundo se tornara uma montanha de pedra...
Pois não posso mais nem andar direito,
Quanto mais, subir a ladeira imensa dos anos...

Ao cabo de meus anos: quem me levará adiante?
Não vale apenas a mim e a ninguém que queira
Cuidar dos meus restos de anos, semimortos.

Envergo o meu pescoço aos céus imensos!...
E deixo suspenso o meu embaraçado olhar:
Oh, meu Deus! Não posso subir e nem quero descer...

A morte é profunda e escura: Um buraco imenso.
A vida é um plano bonito na juventude
Mas a velhice é uma montanha de pedra,
Que nos faz temer o tombo do inevitável precipício.

Oh, meu Deus me acuda nesses últimos passos...
Envia os teus Anjos para me acolher nos braços:
Pois somente assim o meu corpo cairá, mas...
O meu espírito subirá pelo o teu grande espaço.

026. QUEM, NÃO ARRISCA NÃO PETISCA.

Quem nunca arrisca, não petisca, dizia os antigos...
E foi por causa de um desses conselhos cegos
Que Marinalva se pôs nesse mundo de meu Deus,
Deixando a vida rural juntamente a família
Para ser prostituta no centro de São Paulo.

Um dia o seu Pai Interiorano veio a São Paulo
Por causa da notícia repelente que lhe havia chegado:
E o velho Joaquim, maneou a cabeça indignada.
E explodiu defensoria a filha:
Ah, não... minha filha, não! Ela não nos faria isso...

Então veio a Cidade grande ver de perto:
E lá estava ela toda transfigurada, em roupas e pinturas...
O velho maneou a cabeça e disse ao amigo Jonas:
Que merda, meu Deus!... A coisa é séria e feia...
A roupa e pintura dão para voltar atrás, mas... A moral jamais!
Então lhe explicou o amigo Jonas para consolá-lo:
Também não é assim, Sr. Joaquim: o poderá não voltar atrás.
É a virgindade, mas a moral sim!

(...) Sei não Sr. Jonas... sei não... vamos lá conversar com ela:
Por que você fez isso minha filha?

TRIAGEM DE CRÔNICAS - páginas: 56/140

- Por que eu preciso de rendas e não consigo emprego:
Lá no sítio todo mundo diz: quem nunca arrisca, não petisca...
E eu quis me arriscar e cai nessa roubada
- E só isso mesmo, que te trouxe aqui?
- É sim, meu pai!
- Já que você se arriscou - vou te dar a parte da herança:
É um dinheiro, filha!
- Jura pai! Que o senhor faria isso por mim?
- Já está feito!
- Jonas chorou de emoção pelo as palavras do amigo Joaquim.
Resumindo: Então Marinalva o abraçou chorando
E o levou até o Hotel para apanhar as suas coisas:
E vivera nas suas terras o resto dos seus dias
(Teve esposo e filhos).

027. MECANISMO SOCIAL

Roscas enormes... invisíveis e cafonas:
São as que giram no mecanismo da fome
Desses políticos famintos!...
Não são mitos,
Mas comem todo o palmito
Miolos das árvores...

A população já se cansou das cascas,
Das cascatas,
Que apregoam...

Esses mitos, disfarçados, esfarelam...
Merda seca...
E esguichos de urinas amarelados...
Parecem terem cálculos nos rins
E intestinos ressecados...

Por isso, lançam farelos de merda,
E pedradas de cálculos renais

No angu dos pobres que vivem ferrados.

Onde está a esperança desses bestas humanos
Que não tem culpa de serem bestas,
Porque já nasceram subordinados ao sistema
Desses políticos que escondem as cartas
Debaixo das mangas...

028. A VELHA E A CABRITA

Fatalmente,
A misericórdia se escorria no sangue vermelho
Daquela cabrita gordinha, para o corte.
O sujeito de largos fios desbotados no bigode,
Imotivado pela a fome de uma velhinha
Que reclamara que não comia há três dias...
Resolvera, pois sacrificar o bichinho: a cabrita.

Sinceramente,
Fiquei com mais pena do bichinho vivente,
Que perdera a vida por uma situação vigente
Que poderia ser resolvida, simplesmente,
De outra maneira menos incoerente.

Alegrou-se a velhinha por ter matado a sua fome,
Mas tão logo se murmurou dizendo,
Detestar carne de cabrita,
E que só comera porque estava morrendo...
No entanto, três dias depois partira do mundo,
Com a sua velhice terminal – morte oriunda.

O sujeito de largos fios desbotados no bigode,
Sapateou envolta do caixão da velhinha
E lamentou-se:
Em vão foi à morte da minha cabrita de estimação;
A velha de todo jeito iria morrer...

Poderia eu, ter lhe dado outro alimento qualquer...
Mas fui estúpido e não tive misericórdia da cabrita.

029. A MORTE DO MAU REI

Na mesma hora em que o velho gemeu,
O último de sua morte cabível...
Os fogos estouraram na medida explosiva
De alegria que adentrava uma multidão
De gente que precisava de alívio de liberdade;
Sem as garras daquele Rei Intrusão.

A vida humana não pode estar debaixo de Juízo
De um Rei ou de outra Autoridade banal;
Pois todo o homem é banal, por maior que seja!...
Grande só há um – Deus!
Que tudo vê, sabe e vareja:
No entanto, os humanos são veículos de barro,
Ocupados por espíritos de Deus!
Do diabo e das muitas igrejas!...

O rei morreu e aquele seu espírito ditador
Expirou-se... E ficou o do seu filho, sucessor,
Que era bem suave à bem a favor do povo.
Houve festa de comemoração com comes e bebes
E durante muitos anos se viu liberdade naquele povo.

Foi a mais notável e durável leva de inspiração a vida
Que duraram muitas gerações...
Pois a morte daquele mau Rei,
Foram os aplausos de vitória da relevante contestação
De um povo sofrido – que agora via a morte erma,
Imergindo o Rei e a sua ditadura, nos confins do inferno...

030. A MOÇA DA PITEIRA

Havia nos lábios o gosto de mel,
Mas na língua a poeira de um cinzel
De um folego viciado pelos os tragos
De uma piteira envelhecida,
Cheia de tabaco em chamas e cinzas...
Aquilo era meu Deus, nojento e horrível.

A piteira refletia a lembrança da vovó falecida;
Mas o hábito refletia a moça bela e distraída...
Que para se lembrar da sua vovó
Enterrava a juventude de sua vida,
Na observação dos moços bem ocorridos.

Quando eu a beijei... Meu Deus!
Tão logo vomitei o desejo de beijá-la;
E excitação romântica que me acendia
Se repente, se apagara qual um bituca no cinzel:

Adeus paixão, adeus ao possível Cléo!...
Aquela língua era apenas um bife empanado
De cinzas de piteira a me embrulhar o estomago
De um nojo, que jamais pensei tê-lo.

Imaginei a sua boca qual um favo de mel
Após uma queimada,
Onde não morreram todas as abelhas...
E o Apicultor ao tentar tomar posse do mel
E picado por elas: Assim me foi aquele beijo.

031. O PERFIL DO FEINHO

Fui um recém-nascido feinho;
Um menininho feinho;
Um adolescente feinho;
Um moço feinho;
Um velhote feinho agora o é...
E certamente, serei um velhão mais feio ainda.

Feíssimo na velhice terminal,
Mas belíssimo!...
No encaixotamento do corpo mortal:
Morrer é nascer de novo numa dimensão Celestial.

OS LADRÕES DE CABRAS

Folgaram com as cabras e as levaram por prendas,
Mas o raio disso...
É que não haviam sido presenteadas:
Então as puseram numa outra pastagem
Pior de que, àquela e que estavam.

Perderam a raiz de seu dono fiel:
Zeloso para com elas e as pastagens,
Que já estava sendo providenciada.

Agora pastavam capim seco e sob a mira
De compradores de corte!
No entanto, os ladrões não tiveram sorte,
Quando as mostrava a um sitiante novato
Que mal tinha chegado por aquelas bandas:

O homem era Delegado numa Cidade Grande
E os puseram na cadeia num só repente;
Porque sem saber,
Os ladrões deram com a língua nos dentes.

032. A VIÚVA TRISTE

Segue a frente o rosto triste, pendente de consolação...
Sei que eu não tenho palavras de virtude alguma à viúva.
Pois que a encheria de consolo em tamanha dimensão
De tristeza e desconforto para com a própria vida
Que se dilacera num fúnebre vazio, do terrível dandão...

Morrer é esvaziar o espaço em que ocupara...
É devolver o espírito ao vago amparo:
Pois são poucos os que têm a certeza - do sono dos justos!
A morte está mais para um inevitável Curto circuito;
Onde se queima toda a instalação da vida
E se enterra, ou crema a caixa numa emergência brusca!

Por isso, eu não tenho nada a dizer a viúva triste:
Segue a frente o rosto triste, pendente de consolação...
Ah!... Como eu gostaria de preencher o seu coração
E ocupar o espaço daquele morto do caixão:
Talvez sim, talvez não, será a resposta da minha paixão,
Mas daqui a alguns dias saberei a sua decisão.

033. COMETA HALLEY

Russos e belos são os cometas
Vadiando no espaço Via-Láctea,
A exuberante galáxia.
Estão perdidos para sempre,
Pois foram achados por olhar humano,
Que jamais irão os pegar com as mãos, e dizer:
Heureca! Achei!...
No entanto, foi visto a olho nu e registrado...

Eles são ágeis, mas nem sabe que tem nome:
O cometa Halley é um cometa brilhante
Que retorna às regiões interiores
Do sistema solar a cada 76 anos, aproximadamente.

Sua órbita em torno do Sol está na direção oposta
À dos planetas e estende-se além da órbita de Netuno.
Foi o primeiro cometa a ser reconhecido como periódico,
Descoberta feita por Edmond Halley em 1696.

O cometa foi registrado pela primeira vez em 240 a. C.
E mostrou-se visível a olho nu
Em todas as suas 30 aparições registradas.
O sucesso da predição de Edmond Halley
Do retorno de seu cometa em 1759.
Foi considerado como uma prova sensacional
Da lei da gravitação de Newton.

034. O PESCADOR TOMÁS

Tomara que o Sr. Tomás,
Tome,
Vergonha na cara:
Que mostre a verdade
Na ponta da vara...

Não o vi pescara nada!
E a sua pesqueira está cheia de peixes.
Este velho está fora do eixo...
E pensa que a gente é otária.

No mínimo, usou o seu desleixo:
De provar que pendura na vara o peixe
E comprara de algum menino pescador
Que estão em cima dos seixos...

Eu sei que eles pescam facilmente,
Por isso até vendem – a esses...
Esses velhos mentirosos
Que nada pescam
E fazem da mentira, os feixes...
Para dizerem que pescam muito,
Aos ouvintes bestas.

035. LÍNGUA DE TRAPO

Esses sopros de gírias... doe-me até as virilhas...
Como são bestas esses humanos
Que vive falando e falando - ao vento cotidiano...
Com suas línguas de trapo
Palavras que só eles entendem: São desumanos...

Para ter filho assim, nesse desengano!
É melhor ser pai de sapo
Com aquela boca grande: Coaxe... coaxe...

Eles não entendem
Que isso que aprendem – esvazia a alma...
E fica parecendo bichos com cara de ratos no lixo
E por isso se surpreendem com os passos firmes,
Dos verdadeiros humanos.

Lugar de rato é no lixo e de sapo, no rio:
Hei! Joguem fora essa língua de trapo
E aprenda a língua do nosso Brasil;
Se é que querem ser respeitados, como gente heril.

036. O FAROL DA CONSCIÊNCIA

Pus o bedelho na minha consciência vermelha
E a trouxe para o lado liberal – o verde!
Pois a consciência presa no vermelho,
Nada faz a não ser ficar parada,
Esperando a liberdade do farol verde.

Mas nesse caso,
Nem sempre ele se abre por sua conta própria...
Achei melhor descer do veículo
E ir ao poste apertar a botoeira...

Porque jamais alguém o apertaria para abri-lo
Visto que fora feito para fechar os veículos e,
Passar a criança, o cadeirante e o idoso.

Pus o bedelho na minha consciência vermelha
E a trouxe para o lado liberal – o verde!
Brequei a liberdade de passar a rua:
A criança, o cadeirante e o idoso.

Agora cuido de mim e dos meus compromissos,
Pois passei a vida me doando
As instituições de caridades: Orfanatos,
Hospitais de paralíticos e Albergues.

Eu tinha a frente um farol vermelho para a vida
Enquanto vivia a vida dos necessitados:
Disso não me arrependo até o dia de hoje,
Mas quero daqui para frente, viver a minha liberdade.

037. JOGO DE CINTURA

Bestas quais as plumas solta que o vento leva...
E quais as neves que o vento as derrete, em breve...
Os espertos se prendem em seus condutores;
E as neves nem sei quais seriam os seus valores...
Se, derretendo nas paisagens contempladas,
Ou vivendo apegadas as elas, numa eternidade.

Todavia, a nossa reflexão vale somente a interpretação,
Que está em cada olhar: contemplante ou, leitosamente...
A vida é sabia! Mas nós não passamos de uns delinquentes
A mercê da estimação ou subestimação saliente
De cada olhar subjugador a cada ação interrogativa...

Às vezes eu interrogo tanto, que depois eu mesmo digo:
Vá caçar sapo, seu escritorzinho de uma figa!...
Já foi separado pelo o Tesouro Nacional de Escritores
Como um mercedor de estar nos cem primeiros
De uma lista anabolizada nas boas afirmativas.

Mas eu acho tudo um grande saco...
De perguntas e respostas imprecisas.
Deixo a vida me levar com as suas prerrogativas...
Ora dou um sorriso de prazer por boas iniciativas!
E ora dou um grito de dor,
Das coisas que machucam as gengivas...
Ora prendo! Ora me solto... analisando a ginga da vida.

038. AS MAFIOSAS

Minha amiga se discorria num despenhadeiro,
Rusticamente... E eu me preocupava com ela,
Porque não sabia que ela era também, mulher serpente:
O problema não era o discorrer da rústica descida,
Mas o encarar... que se daria com as malvadas fíbulas.

Foi um rolo tão grande de cobras venenosas e fingidas,
Que causava pena naqueles que as viam como,
Coelhinhos de alma branca e decorativa...

Muita gente se arruinava na mesma grotesca descida
Ao abismo das amigas bandidas:
Inocentes também ficaram presas – foi horrível!
O veneno delas era as drogas no interior das mochilas
A quebrantar todo o status das madames grã-finas...

Com o tempo as puxaram do tal abismo de prisão,
Mas os seus nomes ficaram manchados pela a dentição
Daquelas cobras - um tanto mais perigosas...
Mafiosas em evolução, rusticamente.

039. JUCA DAS MULETAS

Juca lambia as pontas dos dedos das luvas
Como se lambesse os lábios de uma viúva...
E logo descobri que tinha acabado de comer
Um pedaço de rapadura...

O palerma era diabético de alto índice de glicose
E se esquecia de que poderia morrer... ficar cego...
Ou perder um pedaço de seu corpo, cheio de artrose.

Juca era um velho teimoso, como ele só...
Pensou que iria engabelar a diabete e dar o nó...
Só que era foi se inchando em tamanho, tipo Huck,
E o velho acabou perdendo nesse seu joguinho de truque.

A doença levou-lhe um pedaço da perna
E a emergência dos cuidados da medicina
Deu-lhe um par de muletas;
E agora ele anda fazendo toque-toque, numa besta sina:
O povo lhe dera uma alcunha, de, Juca das muletas.

Juca se entristecera tanto com esse fato ocorrido,
Que anda cabisbaixo com uma cara feia e de intriga...
Que parece culpar todos os seus parentes e amigos
A ponto de dizer, que lhes fizeram mandiga.

040. UM CONSELHO A SUELEN

Suelen está sempre tão bela e sem os seios grandes.
Custava experimentar a ajuda da cirurgia plástica...
Os Médicos e Artistas da beleza estão por aí
A transformar os corpos para melhor
Servir o Ego masculino, de corpos horrorosos.

Eu por exemplo: sou gordinho, careca e velho;
E gosto de apreciara a beleza das mulheres:
Sei que essas belas me acha uma “Fera! ”,
Mas é de tão feio!

Infelizmente, não é por preconceito,
Pois o defeito não está nos olhares delas,
Mas nesta sucata de homem que sou... Velho.

E além de tudo,
Não sou mais aquele cavaleiro dos leitões
Que monta e estende o relho...
Sou apenas um Cavaleiro que as respeita.

Suelen está sempre tão bela e sem os seios grandes.
Custava experimentar a ajuda da cirurgia plástica...
Os Médicos e Artistas da beleza estão por aí
A transformar os corpos para melhor
Servir o Ego masculino, de corpos horrorosos.

041. O TREINADOR DE CAVALOS

Já cansados das lutas radicais – Coices de cavalos...
Matriculei-me numa Escola boa: Wal!...
Agora vou aprender tudo o que posso e tenho direito.
E com o passar dos anos me formei em Advocacia
E todos acharam isso, legal!

José a gora é Doutor José...
Então comecei a defender as causas humanas:
Morte por latrocínio, morte por engano...
Morte de matador em legitima defesa!
Réus Inocentes...
Que quase fizeram uma estatueta para adorá-lo.

Pensei bem e repensei o caso de um Doutor otário,
E esse tal era eu mesmo livrando os Réus,
Que eram muito piores de que cavalos...
Que invés de defender quem levava os coices,
Eu defendia os humanos coiceiros:
Eu não havia estudado para ser Doutor,
Mas para ser, nada mais de que um Otário.

Então comprei novamente outro Haras
E fui pelejar com os carentes cavalos
Que são realmente inocentes! E não aqueles, caras.

042. ALBINA NO BANHO DE BICA

Sem sutiãs você se banha na bica do rio.
Talvez a tu' alma se levante morro acima...
Pois o sinto um arrepio
Do pretencioso clima...
Mesmo aqui em cima na nossa cabana
Sinto algo me esfregando... oh, minha Altina.

Altina, Altina você é a parte que me ilumina...
Você me inspira fogo de paixão
E luz na imaginação, com vontades loucas;
De mergulhar na tua boca...
Para nunca mais voltar:
Talvez em ti tenha o céu - Feito de favos de mel.

Sem sutiãs você se banha na bica do rio.
Talvez a tua alma se levante morro acima...
Pois o sinto um arrepio
Do pretencioso clima...

Então tenho que obedecer ao teu glamour
Que nos ares surrupia a minha ausência
E manda me buscar
Para te dar o tributo pessoalmente,
E lhe amar até que possamos – nos amar.

043. O DESÍGNIO ARBITRAL

Dicas de malandro é malandragem!
E dicas de pessoas do bem são recauchutagens
Dos valores desgostos a rodagem da vida...
No entanto, você deverá definir o que deseja:
Melhorar os seus rumos ou cair da bandeja...

Você escolherá o tipo de Garçom que te servirá
Ao escolher o tipo de gente a pedir conselhos...
Tem gente que não pede conselhos a pessoas de bem
De forma alguma,
Porque ele quer apoio para fazer o mal do seu consciente:
Busca reforços incoerentes!

Outros, porém,
Sente que está perdido no seu próprio consciente;
Mas tendo boa índole! Busca conselhos adjacentes
E logo lhes vem uns conselhos que lhes freiam a incoerência
Que queria lhes pegar... invalidando a boa mente:
Mas o seu bom arbítrio o levou em sábios pensamentos
Para rejeitar o mal e se apegar ao bem, voluntariamente.

Às vezes pensamos decidir os nossos caminhos...
Tenho dúvidas quanto a isso – que fique nas entrelinhas...
Cada qual procura aquilo que pensa saber o achar;
Todavia, uns se machucam e outros ficam a se deliciarem!...
Não quero nem entender a voz desse destino a balbuciar...

044. TÔ MATUTANDO...

De muito longe venho – matutando e matutando...
Já me enroscaram, muitas engrenagens do engenho:
Agora eu, não ponho mais qualquer coisa na cabeça...
Para não me quebrar o sistema e ficar por besta,
Desses intrusos que aparecem sozinhos.

A experiência de vida sempre nos soma, acertos e erros;
E quanto mais a gente aprende – menos a gente erra.
A vida não é uma matemática exata,
Mas quem muito erra acaba em guerra de cão e gato...
Ou ainda, de gato e rato... aí se corre... chora e berra!

Já matei todos os ratos existentes no meu caminho;
Já amarrei nos rabos de gatos as bombinhas...
Os cães, eu levei para uma excursão de carrocinha...
Adeus, oh intrusos!
Hoje minhas engrenagens têm melhor alinhos.

De muito longe venho – matutando e matutando...
Já me enroscaram, muitas engrenagens do engenho:
Agora eu, não ponho mais qualquer coisa na cabeça...
Para não me quebrar o sistema e ficar por besta,
Desses intrusos que aparecem sozinhos.

045. VAMPIROS PEDAGÓGICOS

Esses Vampiros pedagógicos são ilógicos:
Eles não aprendem – só copiam,
As instruções dos mestres
E sugam o sangue dos colegas exóticos
A exhibir que estão sabendo as respostas...

Muitas das vezes estão jogando com a sorte
E passa a ser um sangue de anedotas,
Que não serve para o preguiçoso
Que não estudara nada a matéria,
E nem tampouco para o Vampiro pedagógico.

São duas sanguessugas trocando amizades:
São dois cérebros ocos e covardes...
Que fugiram do compromisso sério de estudar.

E agora meus amigos sanguessugas,
O que se fará? Mãos à obra: Vão estudar...
A cola não tinha cola - e não colou... que azar!

Mas ainda há tempo... os livros vos esperam
Com ar de deboche, para o próximo bimestre:
Ah, ah... não me quiseram e se ferraram!
Eu estava aqui, pronto para ajuda-los.

046. O MENINO QUE ESCOVAVA
OS DENTES COM OS DEDOS

O menino escova os dentes com os dedos sujos
E reclama de que, o creme dental está confuso...
Que parece que o creme tem gosto de terra;
Então ele grita e pula numa tremenda guerra...

A mãe escuta e logo conclui de que,
O menino estava com a mão suja de terra
E não usara a escova dental na escovação...
Então ensinara o filho sem forte repreensão,

Mas o matuto mirim entrara numa ignição...
Dando fogo na partida de sua malcriação:
A Senhora não sabe ao certo... se nem aqui estava!
E com outras palavras de baixo calão a enxotava...

A tal mãe o deixara falando sozinho e se fora...
O menino assuntara bem o seu raciocínio
De frente ao espelho e falara consigo mesmo:
Mamãe é experiente naquilo que fala,

Soubera interpretar os meus gritos de raiva
E me pusera numa profunda vala – de porqueira...
Se eu tivesse usado a escova dental eu estava livre
Dessa correção maternal - e de comer sujeiras.

047. OH! MENINO PINTINHO

Oh, menino peralta!
Vê se fica fora da casca do ovo...
Quem mora dentro vira comida
De ovo frito, bolo ou omelete...
Acho melhor ser pintinho
E viver no alinho da hora sete.

Todos os pintinhos vão às aulas
Desde o jardim – boa jaula.
E depois ao primário
Para aprender os abecedários...
Logo estarão escrevendo a soletração de aprendiz
Que ainda não sabe montar a cavalos...

Depois de alguns anos vocês:
Monta e desmontam... aprendem e aprontam
Mil e uma artes com esses abecedários...

Mas tem que sair da casca do ovo...
E me parece que só pode sair depois dos quatro anos:
Só aí então vai para o Jardim
Quais flores desenhando, o princípio de um ser humano.

Quero que esqueçam de que,
Quem fica dentro da casca vira comida,
De ovo frito, bolo ou omelete...
Eu só estava brincando, oh menino pintinho.

048. ISSO? OU AQUILO?...

Não havia lamento
De palavras e nem de choro,
Mas relinchar de Jumenta
E baba escorrendo no couro...

No couro da cara
Das tetas
E do furo... do umbigo de ouro.

Ali estava o precioso tesouro:
Um largo piercing de ouro
Ataviando a barriga da jumenta...

Fiquei sem saber direito o que seria aquilo!...
Uma mulher? Uma jumenta?
Ou um traveco?...

Não tenho palavras,
Apenas lamento – e também não tenho choro:
Nesse caso, sou quase um jumento ou, um tolo.

E AGORA? ORAS, GUARDO A VIOLA.

Já corri mil milhas – mil afagos...
Mil caminhos perdidos em suas sagas...
Tudo isso me passara num só chute:
Tenho 50 anos de vida – putsche!...
E agora?

Agora é só guardar a viola:
Adeus afagos! Adeus sagas!
Perdidas glórias no tempo que não para
E tudo encara...
Machuca e sara – ajuda e viola...
O homem, a natureza e os animais...
Pinos, buracos e argolas...

Já corri mil milhas – mil afagos...
Mil caminhos perdidos em suas sagas...
Tudo isso me passara num só chute:
Tenho 50 anos de vida – putsche!...
E agora? Oras, Guardo a viola:
Esquece o pino, o buraco e a argola;
E viva a sua vida até o tombo da rabiola...

049. UM MONSTRO SUBIU AO ALTAR

Um monstro subiu ao altar de um dos deuses
E lá se perdera porque não soubera discernir
Se aquele deus era macho, fêmea...
Ou precisava de insulina para derrubar o açúcar
Que tinhas nas veias desse sexo, que extermina,
Ambos os lados do macho e da fêmea
Para ser o outro sexo de entremeio: A ruína!

Era um deus confuso perdido em si mesmo,
Que confundia o discernimento alheia
E principalmente a de um deus lesma
Para entender os devotos e a fonte de poder...
Era um deus doce demais e doentio demais
Para entender a saúde da fé excedida nas veias...
De um fiel que se tornara monstro
Por crer num desses deuses... tão frágil e lesma.

050. VIDINHA BESTA

Vida besta era aquela em que eu levava...
Não sei ao certo, quem é que levava?
Se eu, ou a besta vida – que me travava,
Negando-me o pão em minha própria terra natal.

Nada tinha ali para se viver...
Tudo estava dedicado aos ricos,
Pois o pobre não podia nem lavar o penico...
Alguma continha que faziam nas vendas,
Quase sempre não pagavam.

Vivia desandado nos negócios que fazia
E mais desandado ainda ao emprego,
Pois não tinha nada para fazer...
Os empregados das Mansões e fazendas
Vinham de fora: parecia que ali não tinha gente.
Era um desprezo total com os habitantes, local.

Um dia, o tempo surto de tanto ver injustiça...
E pós a boca no trombone e soprara tudo para fora...
Fora uma tempestade do diabo a gargalhar:
O mar subiu e desceu numa vingança desgraçada! ...

Só sobraram os pobres quem não estava na emboscada...
Porque os que não morreram de fome
Morreram na tempestade: mulheres, crianças e idosos;
E os homens sadios preguiçosos que não quiseram
Tentar o pão em outras cidades.

051. ANTES QUE O GALO CANTE,
FALE A VERDADE!

Antes que o galo cante, fale a verdade,
Pois a mentira aguçadora está vencendo,
Até que prove a boa contrariedade...

Pois a mentira aguçadora está vencendo,
Está ao pico da liderança,
Deslumbrando gente grande
Como se fosse meras crianças...

Se o galo cantar estará reprovado:
Assim foi com Pedro, o apóstolo,
Na sua insistência contra a verdade.

Sua mentira viera à tona...
E sua boca chorona - se abraça,
Tal e qual uma sanfona...

Chorou como uma criança a pedir carona
A justiça de Jesus, que na humilde soma,
Perdoou-lhe para fosse feliz na fé.

Antes que o galo cante, fale a verdade,
Mostre a Deus e ao inimigo feroz,
Que tem em ti a justiça, em viva voz.

052. O RISO DESCABIDO

Gosto de rir daquilo que me é engraçado
E satisfaça o meu “ego” cheio de graça...
Mas não gosto de rir de certas desgraças
Que monitora os entes desgraçados.

Humor saudável me enche a alma de vida,
No entanto, os que riem de desgraça alheia,
É um desgraçado que tem a alma cheia
De Empecilho contra a felicidade instruída...

Que não planeja e nem se alegra com a ruína
Nem mesmo de um animalzinho,
Quanto mais de semelhante, que se alinha,
A espécie humana – Criação toda divina.

Nunca ria de desgraça alguma...
Isso é o mesmo que chamar um enxame
De marimbondo com ferros de arame...
Para vaziar, de sua alma, o sangue espuma.

Espumarás qual a baba de um louco cão
Que não fora vacinado contra a irrisão,
De morder e zombar o semelhante
Que peleja contra a desgraça, a todo instante.

053. ENGOLINDO PALAVRAS

Foi errado aquele meu jeito de cuspir...
Não deveria ter cuspidado para cima
E nem tampouco abaixo...

Se o cuspi lançado acima
Poderá cair na cara... aquele que,
Cuspimos abaixo... sujarão os sapatos.

Certamente, esse tipo de cuspi,
Que se cuspi com o vocabulário,
Não sujará a cara e nem os sapatos.

No entanto não se deverá cuspir
Nem acima e nem abaixo,
Mas engoli-los para o campo linfático.

Ser humilde é isso: engolir palavras
Que ferem a moral do semelhante
E nos torna marcantes pela soberba.

054. OS DOIS POLÍTICOS

Parecia que não havia mistério algum
Naquela toalha clandestina...
Mas apenas no conteúdo daquela menina
Que escondia um riso misterioso, no olhar...

E escondia também palavras trancada a boca
Para não se comprometer com a política suja...
Que nenhum banho de piscina jamais limparia
A cabeça corrupta – é ou não é, companheiro?

- Sei lá, mestre! Se você mesmo está chamando
A toalha de clandestina... por certo,
Também sabe a resposta à pergunta que fizera...

- Sim companheiro, eu tenho a resposta,
Não porque eu esteja envolvido nesse troço:
Você sim! Está comprometido até os ossos...

- Creio que não, mestre! Até que prove ao contrário...
- Pode deixar companheiro! Não estou sabendo de nada.

055. O GATO PITHOLA

Havia um cão tão cachorro...

Que morava com os vizinhos e deixou de ser nosso.

Ele não podia ver pithola (o nosso gato de verdade);

Que já avançava no pobre bichinho,

Como se fosse o dono da casa.

Cachorro de vizinho é fogo!

A gente reclamava do malvado!

Mas, do outro lado, também reclamavam:

- Que gato de vizinho era fogo!

(E isso doía; porque o gato era nosso).

Vamos jogar água no desgraçado!

Pobre pithola, saia correndo como capeta,

Pulando tudo que estava pela frente...

- Se viesse para casa... O cão vinha atrás...

E se fosse para outras casas; espantavam o bichinho.

Um dia tomei uma decisão bacana!

Peguei, o ex-cão,

Que deixou de ser nosso para ser do vizinho:

Porque, só nisso se vê o quanto ele era cachorro. •

E levei-o para fazer um grande passeio:

Numa cidade vizinha, e lá o deixei, para sempre!

Somente assim o gato deixou de ser capeta!

E começou a granjear os costumes da casa.

Passando-se, alguns meses...

Mudou-se por ali, uma nova família,

Que tinha uma linda gata e se tornaram, grandes amigos!

- E viviam a brincar... Entre si.

E ainda dava alegria a um casazinho de crianças:

E foi daí que surgiu uma musiquinha,

Para os gatinhos que brincavam no quintal:

Miau, miau... num lindo quintal,
E as crianças sorrindo a brincar,
Com dois lindos gatos muito engraçadinhos:
Miau, miau...Ah, ah, ah!

Os gatos contentes ficavam miando,
A as crianças sorrindo e cantando...
Uma criança dizia: oh, que bonitinho!
- E o outro dizia: oh, que engraçadinho!

A gente contente ficava espiando...
Os gatos espertinhos e as crianças brincando...
-Miau, miau... num lindo quintal,
E as crianças sorrindo a brincar...
Com dois lindos gatos muito engraçadinhos!
Miau, miau...Ah, ah, ah!

056. O CIGARRO DE RITINHA

Eu dormia quando a lua,
Movia-se no espaço...
Eu dormia quando um vento fino,
Adentrava-me pela janela do quarto:
A janela aberta...
Era obra do esquecimento de um sono de pedra...
Que apagava os cuidados naquele momento.

A lua se movia no espaço...
- Lenta e prestativa!
- Qual aquela fumaça,
Que se movendo ardia nos meus olhos,
Mergulhados num sono profundo de cansaço.

Porém foi-me a fumaça ardida;
Que me alertou do descuido da janela:
Assim como a lua alerta os vigiadores...
Que vigiam a sentinela.

Porém não era nossa, aquela lua...
Nem tampouco a fumaça, era minha:
A lua era dos céus! E fumaça de Ritinha
Que havia deixado o cigarro aceso e, eu...
Dormindo sozinho.

057. O REI ZAMBIR

O rei Zambir tinha mania de fazê-la inventos
E até que davam certo mesmo! (Mas, nem todos) ...
E desta vez deu certo e foi legal até demais!...
O tal invento era: um paraquedas balão.
Ele fez um paraquedas igualzinho os demais...
Só que por debaixo da lona tinha outra lona;
Que se parecia uma bexiga enorme!...

O rei Zambir a enchia de ar quente e subia pelos ares afora...
E quando queria descer era só esvaziá-la
Por uma mangueirinha que estava logo ali do seu lado.
Naquele tempo não existia avião
E nem se falava nesse tal de paraquedas!
Mas ele ficou conhecido assim: “O Rei dos inventos”.

O Rei Zambir era maluco demais!...
O céu parecia-lhe, pertinho...
E os espaços caminhos banais...
O velho era maluco e sortudo: Excepcional!
Tudo lhe dava certo, em condições normais.

058. A MENINA A AS ROSAS

As rosas se esfarelavam ao vento,
Que toldava invisivelmente...
O belíssimo jardim de Benta.
Julia chorava...
Pequenina a lenta...
Ao pé de uma roseira que implorava,
Com medo do vento...
Para ouvir a roseira e frear o forte vento,
Veio-lhes Barcomene, com socorros urgentes.
“Cessa-lhe o choro oh, menina bonita! ”.
Ouve agora o grito das rosas,
E o teu coração que palpita.
Outras rosas te virão,
O qualquer precioso momento.
-Te prometo oh, pequenina!
Que chagarei antes do vento.

Julia pegava os fragmentos,
Das rosas despedaçadas...
E soluçando apertava o coração,
Enquanto os seus pensamentos ingênuos e belos!
Esperavam das rosas... A ressurreição...
- Julia chorava... Pequenina e lenta...
Ao pé duma roseira que implorava,
Com medo do vento.

- Barcomene anotava:
O carinho de Júlia,
A morte das rosas
E a fúria do vento.

059. O BUMBO DOURADO

Quis-me roubar-me, o bumbo dourado;
Para levar não sei para quem...
Melhor seria ter me poupado,
Para que as coisas te fossem bem!

Meu bumbo dourado,
Não empresto,
Nem dou a ninguém!
O que foi que te deu na cabeça morena?
De querer roubar o coitado...
(Coitado dele a de mim também!):

- Ainda bem que te vi roubando-o,
Até a porta do engenho...
- Ali lhe morreu toda a maldade
E por isso que agora tenho:
- Tenho o meu bumbo dourado!
(Para batucar nas horas que me convém...).

Nas horas de festa é hora de bumbo dourado!
- Pois por aqui todos sabem que eu o tenho!
- Tenho esse feliz bumbo idolatrado...
Só porque ale soa bem!

Quem será que bate um bumbo como eu?
Ou tenha um bumbo qual o que tenho?
- Ele é o único por aqui; morena!
Como sempre me foi o único também:
Este meu tão belo engenho!

060. A EXISTÊNCIA HUMANA É FORMIDÁVEL

Toda a obra morre debaixo da cobertura do tempo
E deixa de existir aos curiosos olhos
Que exige a presença das coisas...
Mas o registro dela vivifica o seu tempo de existência
Que é válido em todas as épocas
Porque a existência do mundo se documenta
Com a munição de geração e gerações...
Todas essas juntas criam a tal existência do mundo.

Se um corpo é formado de células...
O mundo também é formado de corpos humanos,
Pois cada um de nós é uma célula
Importantíssima a tal constituição,
Independentemente de sua época de existência,
Ou, até mesmo a posição social que ocupara...
A sua existência – Vida – fizera a integração mundo,
Colaborando com o intuito do Deus único: Criador!

Viu só aonde você foi parar?
Não se desfaça da existência que Deus a deu para viver:
Lute por ela até que possa,
Pois és mais de que todo o ouro: O ouro ficará por aí...
Mas tu voltarás a Deus que zela de ti para sempre!
Pense nisso!... A existência humana é formidável.

061. O FALSO FULGOR DO ORGULHO

Uma coisa besta eu vejo na cabeça do ser humano:
Parece que vão viver para sempre!
Essas bestas humanas têm uma mente incandescente,
Acesa ao dessabor do orgulho
Que nunca poderá iluminar ninguém.

O orgulho é um clarão de miragem
Que conforme a pessoa vai chegando mais perto
Não vê nada presente para se concluir – um valor...
Mas somente o falso fulgor descabido a sua vida:
O orgulho nunca levou ninguém a nada!
É um falso fulgor em cabeça bichada, cheia de engano.

Vai matutando aí... O que se ganha com isso?
Ninguém paga nada por essa má conduta:
Os humildes passam de largo dos tais,
E os orgulhosos também criticam,
Porque jamais assumem, de que, são iguais.

O melhor mesmo é desviar-se dessa falsa luz
Que ilumina a pessoa sobre um grande palco
De piso imaginário: não sejas otário,
Achando-se um grande artista da sociedade:
Os humildes que sabem ser,
São muito mais que isso, não querendo o ser.

062. O FILHO DA BARRIGA DE ALUGUEL

Sistematicamente, o casal queria ter um filho!
Mas as condições de saúde da mulher eram precárias!
Então compuseram uma ideia – de achar uma otária...
A mulher emprestada ficara nove meses conseguintes,
Cuidando daquela criança para a mãe verdadeira!
Enfim, aquele infeliz nasceu – era um lindo menino!

Infeliz por quê? Porque crescera escutando de que,
Os seus pais não pagaram o combinado do aluguel.
O infeliz menino Miguel tivera que crescer e pagar
O aluguel da barriga de Dona Raimunda:
- Que nessas alturas... já estava feia de tudo...

Ela não queria receber de jeito nenhum!
Mas o Justo menino, agora, já um moço formado!
Tivera a feliz ideia de lhe dar de presente:
- Uma Linda Catacumba! Que mais rimava com ela,

Naqueles tempos de nova: de quando era feia de cara
E boa de... Agora de pôr na Catacumba!
A velha dormira dentro do último presente do mundo.

063. SEIS BOCAS

Seis bocas, ocas...

Seis estômagos desertos, incertos...

De que,

Alimento haverá de ser servido

Pela a hospedeira boca,

Cheia de empregados, trituradores dentes!

Seis bocas, ocas... famintas.

Bocas que não param de comer e querer:

Comidas boas e raras... raras,

Para os pobres que têm um recurso canalha,

Que dá aos ricos, tudo! E aos pobres, valha!...

Seis bocas, ocas...

Seis estômagos desertos, incertos...

De que forma buscará o alimento

Nas dificuldades do momento.

Tudo parece trancado...

Num País de portas abertas, a todas as raças:

- Somos brasileiros, sobreviventes dos escrachos.

064. PALHAÇOS MODERNOS

Esses palhaços modernos que zanzam por aí,

Sopram gírias no ar (misturadas com o bafo),

Vão as festas noturnas e bebem cachaças...

Com outros nomes é claro!

(Uísques importados e champanhe caro);

E pintam-se tudo! Verdadeiros otários!

Raspam a nuca e ao redor das orelhas,

Arrepiam as mechas na fronte,

Mandando ver nas tinturas extravagantes.

Esses palhaços modernos que zanzam por aí,
Sopram gírias no ar (misturadas com o bafo),

Esnobam roupas esquisitas com cores malucas,
E alguns, se requebram todo para abafar...
Abafam o sexo que não assumem
E vasculham os bofes de cobiça no maldito olhar...

Esses, caras aí, tem olhares de morcegos...
E andam pelo o sonido do pecado, adentro do rego...
Credo em cruz, Ave Maria! Que grave baixaria.
Guerrilhas mesquinhas, sem qualquer anexo...
Somente na cabeça desses seguidores,
De Bin-Bin “Cabeça de aço”.
Para achar que fazem justiça,
Fazendo mortes e mormaços,
Nas cabeças de sobreviventes,

Que viverão ao estilhaço...
De uma vida sem vigor do bem!
Ora, ora... está justiça é um regaço
No campo psicológico
Das vítimas, que são imersas ao aço...

E, quando parecem respirar aliviadas,
Na superfície emersa...
Então percebem que suas cabeças
Ficaram lá em baixo,

Afundadas as loucuras das guerrilhas;
De onde jamais serão emersas do tacho,
Deste inferno ardente, provocado por Bin Laden.

065. O MAL DESVIRTUA DA VIDA

Nunca beba veneno com suas próprias mãos:

- Vença o medo da vida sem titubear!
- Nada poderá ser tão infernal,

Para quem luta com garra humana,
E raciocínio de um anjo colossal,
Em poder e conhecimento sobre todo o mal.

Nunca beba veneno e nem dê a ninguém!

Quem assim faz – Morre ou mata!

- Fuja do Suicídio e do homicídio:
- Sepultura é fria e putrefata,
- Cadeia é quente, assombrada e linfática.

Nunca beba veneno e nem dê a ninguém!

Quem assim faz – Morre ou mata!

Falo do veneno do mal,
Que titubeia em caóticos caminhos,

Gerando bagaceira na liberdade de vida:

Fazendo dessa dádiva de Deus,

Um pesadelo para si e outros, no caminho.

066. BOCA-DE-PORCO

Quem cai na boca-de-porco,
Não tem por onde fugir,
Até que alguém lhe vire o cocho,
Para resgatar o, trouxa,
Da emboscada que caiu...
Isso é, quando está esperando ajuda,

Porque tem aquele que gosta da lama:
Isso é um absurdo! Mas se,
Em cuja alma o mal inflama...
Enquanto o impudico diz, que, isso ama!
Não há como alguém lhe virar o cocho.

Vale mais uma trouxa feliz,
Caído na boca-de-porco de um lamaçal...
De que um resgate forçado, angelical;
Quando não se quer, o bem, no lugar do mal.

Quem cai na boca-de-porco,
Querendo o barro como se fosse mel:
Bebe enxofre do inferno e quer ir para o céu!

067. AMOR COMPRADO

Se... Dinheiro não traz felicidade,
O meu eu - já me levou a Nova York,
Em Avião a Jato sofisticadíssimo,
Em motéis de luxo com cama redonda,
Uísques finíssimos e gatas manhosas,
Sussurrando delícias - de I Love you!

Por alguns instantes - fui amado:
Em cama de Motéis, verdes gramados,
Junto a piscinas excitantes...
Oh!... Como foi bom ser um errante,
Junto aquelas americanas encantadas...

Aqui na minha terra,
O dinheiro não me faz feliz, mas...
Lá em Nova York era só felicidade!
Sem o dinheiro eu nunca teria e nem terei,

Tal mordomia – alegria desgraçada de boa!
Por isso, volta e meia o meu corpo voa,
Num Jato sofisticadíssimo, a Nova York.

068. CRUZ TROCADA EM PORFIA

Se há em tia alguma coisa
Que a faz chorar, conte-me!
Vou chorar contigo,
O meu pranto de dor da minha falha...
Não é justo que chore sozinha
O meu pranto que te valha...

Se carregares a cruz, dos meus olhos, oculta?
Revele-me agora, para que de ti eu arraste, o insulto...
Que sendo meu carregas tão triste e sozinha;
Mas se queres me ajudar, neste desalinho?
Seja então o José de Arimateia...

Nesta grande analogia:
Leve comigo a minha cruz, Oh Luzia!
Que por vinte e cinco anos já carregaste,
Enquanto eu já carrego a tua, numa grande porfia.

Se há em mim alguma coisa que a faz chorar,
Conte-me agora... vou chorar contigo o meu pranto:
Não é justo que chore por mim aos cantos...

069. A SITUAÇÃO DO POBRE

O pobre é escravizado pelo o seu nível social.
E de quem será a culpa? De ninguém...
Ninguém tem culpa... já que estão ocultos,
Os tais que a tem (dominantes da manobra).
O pobre dificilmente tira o seu carro
Do gigantesco pátio (hangar esquecido) ...

Que para sair de lá afora - é quase impossível...
São inúmeros os pobres,
Que se manobra nesse hangar tumultuado...
Que para sair fica difícil, mas não impossível!
Onde, alguns pobres com jeitinho saem;

E a maioria,
Ficam forçados ao vício de ser pobre,
Comendo resquícios...
E quem nasce dentro dessa manobra,

Dificilmente,
Acham a estrada das oportunidades,
Para pôr o seu carro a prosperidade.

070. A BELA E O CARA DE TIGELA

Quisera esconder a minha cara de tigela
De o fascinante olhar teu, mas não deu,
Simplesmente porque estavas com Deus,
Pelo o seu infinito poder o fizera;
E olha que o fizera com uma beleza cintilante!
Tão oposta à minha, beleza crucificada...

Quando nasci diziam: ó que belezinha!
Mas conforme eu fora crescendo
E os anos passando,
– Fui sendo crucificado e não sabia!
Às vezes ficava desconfiado e me perguntando:

- Será por quê? Que ninguém me elogia mais...
- Talvez eu não quisesse admitir a crucificação
Da beleza que ao pouquinho,
Pendurada na cruz invisível do tempo morria.

A cruz era invisível, mas eu bem destacado...
- Como pode Deus te fazer tão rica e bela?
E eu, pobre e feio com cara de tigela...

071. A MORTE DO DEPUTADO

Aqueles falsos veleiros: no maior descaro...
Somente puseram lágrimas de crocodilo
Nos olhos interesseiros,
Para homenagear o corrupto Deputado.
Tinha gente por lá chorando de prazer,
Pela a herança que iriam pegar,

Mas a lágrima era doce como mel,
Molhando uma expectativa arranha-céus...
Oh, Deus! Quantas lágrimas agourentas...
Havia em cada crocodilo, dentro...
Uma pressa (pós-agourenta),

De enterrar logo o corpo nojento,
Que já estava morto e desatento...
Melhor de que a morte era o enterramento.
Havia em cada crocodilo, dentro...

Uma pressa (pós-agourenta),
De pôr logo a mão na grana desviada
Pela a mão do Ilustre Deputado!

072. A ILUSÃO DAS GRANDES CIDADES

São Paulo é ilusão, tal e quais outras grandes cidades:
O indivíduo vem para cá, neste garimpo urbano,
E começa a cavoucar a ilusão da sorte de melhorar a vida.
A vida não é fácil, e a maioria das pessoas sabe disso,
Mas a boa impressão da grande cidade,
Enchem os olhos de esperança de melhoria...

(Não deixa de ser um espaço de maiores oportunidades),
Mas... São Paulo é ilusão, tal e quais outras grandes cidades:
O indivíduo vem para cá, neste garimpo urbano,
E começa a cavoucar a ilusão da sorte de melhorar a vida,
E a grande maioria se envelhece tentando isso...

E quando olha para trás... quantos sacos de terra encheram,
Quanta pedra carregara para sobreviver, mas...
Nenhuma pedra de ouro com grande valor fora achada:
Todos tentam..., mas o ouro pesado fica com a minoria,

E o ouro mais leve com um porcentual até razoável;
Porém a maior parte da população,
Carrega terra e pedra a vida inteira apenas para sobreviver

073. CONTRARIEDADE DOS SAPOS

Os sapos do Rio Iguaçu enfrentam,
Uma enchente medonha: Transposição,
De tempos antigos (épocas em que chovia):
Há, anos e mais anos de secas:
Insônias de lavradores,
Que lavravam as terras com amores.

Os sapos viviam encurralados
Nos cantinhos das rochas,
Nas águas minguadas que pareciam poças...
Porém agora, os lavradores transbordam alegrias;
E os sapos calafrios... como se isso fosse um mal:

Só porque as águas os arrastavam rio afora...
Os sapos do rio Iguaçu,
Ignoram os efeitos das águas do rio,
Que levam vida aos lavradores e lavouras,

Dando esperança e prosperidades,
- Opostas às misérias dos rios em poças...
- Os sapos desacostumaram com a fartura do rio.

074. O GATO DE OBRAS

O gato de obra está encharcado na vil parição,
De ser o rei do comando na construção...

Está mais perdido de que, cego em tiroteio...

– Minha nossa, que feio!

- Suas obras não dão os (EPI' s) aos peões,

Que trabalham esfarrapados feitos leões;

Querendo pegar o caçador do Safári

Que até mesmo atrasa o esperado vale.

Pobres peões: põe do bolso a passagem da condução,

E quando vem, chega todo faltando...

A condução, o vale, o pagamento;

E as horas extras ficam no enterramento.

- Gato ladrão tem sempre os puxa-sacos...

Que rouba os pobres para o patrão gato,

Mas vivem numa desgraça, medonha:

Deveriam ter mais vergonha na cara

E parar de tirar a mistura das marmitas,

Desses coitados que já perderam os sonhos.

075. EMPREITEIRO DE OBRAS CIVIS

Mini-guel, e um Operário classificado,
Mesmo com toda a sua espanação!...
Quem tem um amigo desse...
Nem precisa de inimigo, não!
Pois é um missionário das trevas que, carrega mel e fel:
Um pouco para o operário e outro para o patrão.

Neste caso corriqueiro (mel e fel no mesmo tacho):
- Ele faz o repuxo do bolso operário,
E leva para casa empreiteira,
Garantindo a sua colocação no reluzir de enganação.
Já que logo ali na frente... estica a treina,

Com psicologia de borracha...
Marcando e remarcando a medição,
Remontando ao velho espaço, aonde,
Com dedos esgarço - custou o dinheiro do patrão.

Mas nesta jogada de empreitas todo mundo é suspeita...
Gatos e ratos levam parte do dinheiro;
E tudo mundo senti o cheiro da traição...

076. INTELECTUALISMO DE POBRE

Estas ideias loucas foram postas em potes de louça
E quando menos se espera, os potes caem,
Ai, ai, ai meu bem! A gente fica com cara de trouxa.
A nossa ideia parece terem asas,
Mas quando almejamos pousar – não temos casa...
Vagueamos no terreiro ao relento... Só desdenho.

A cabeça é um pote de louça cheia de ideias...
Um terreiro sem casa... um ninho sem árvore...
Ideias vagueando ao relento,
Ao sereno, a chuva, ao vento...
Só desdenho, sofre esse bobo engenho.

Quero a unção de Deus sobre esta cabeça minha
Para que, algumas ideias amadureçam e saiam do ninho...
E as que já amadureceram e voam alto, possam,
Ter um aval do “Todo poderoso! Deus dos Pergaminhos...”.

E, me dê a sorte de ter uma casa ou, apenas uma árvore!
Pois eu preciso construir posses (estou sozinho);
E preciso provar que nem todas as minhas ideias são loucas.

077. BATATA NO ASFALTO, ENXADÃO DE BORRACHA.

Cavoucar asfalto com enxadão de borracha
Acho que é uma tarefa um tanto árduo, mas...
Vivem falando isso uns para os outros,
Numa reflexão de interjeição sádica: aliás,
Eu já disse isso algumas vezes para escrachos...
E creio que você leitor já tenha soltado esse arrote.

Infelizmente, milhões de brasileiros em sua terra natal,
Vivem plantando batata no asfalto
E arrancando-as com enxadão de borracha...
Já não tem mais o que fazer para ir mais alto
Na escala de quem, consegue crescer no “Plano real”.

O plano real deu certo? Creio que sim!
Mas para aqueles que já iam crescer de qualquer forma!
Pois para os espertalhões ou predestinados a vencer...
Qualquer plano é plano, pois, sobressai o seu plano.

Coitadinho dos submergidos as necessidades,
Nunca terão pela frente nenhuns planos de Governo
Que o porão em terras de real plantação de batatas...

078. ESPÍRITO CAROÇO

Ansiedade agitada bebe veneno de encruzilhada...
Em sua aflição de espírito na perda direção,
Não sabendo para onde ir... no sentido, religião!
- E nisso, acaba bebendo veneno de encruzilhada,
Dentro de um terreiro com batuque, na cremação...
- Cremação de espírito humano: vivo, sem direção...

Pois é ali que se bebe um veneno sambando
Os pulos a chicote de espíritos perdidos a maldição!
Os adeptos desses malucos, vestidos de trevas,
Tomam o cálice da morte por obstinação crédula...
Com medo de morrer perdidas, se perdem...

Sai daí seus tolos, suas tolas...
Poupe-te os próprios miolos...
Não são vós, cabeças giras, feitos mujolos...
Para rodar e rodar a força d'água envenenada,

Batendo a mão-de-pilão para moer o grão
Desses miseráveis, espíritos das trevas a no olhar...
São “Caroços” que só olham e não fazem nada!

079. QUEIXA DE UM ESCRITOR

Exe!... Já me disse tanta coisa, Simone!
Tanta coisa por vias paralelas...
Parentes e amigos que dão palpites a nossa vida,
Por aquilo que lhes vem no raciocínio...
Como se fosse verdade, a respeito de nós,
Mas aquilo que falam, passa longe da nossa realidade!

E, quanto aos nossos valores intelectuais,
Somente Deus pode saber o que a gente tem dentro
Da cabeça com a devida precisão.
Já me chamaram de sonhador por muitas vezes,
Pondo-me a chorar de tristeza.

Porém, os sonhos não puderam me fazer sofrer;
Porque não eram sonhos de perdedor: Você sabia Simone?
Que duvidavam até que eu era capaz de escrever
Este Romance aí... tratava-me como se fosse um coitado,

Sem condições e Sanches de nada na vida.
Por isso amor,
Eu quero que você comece uma nova vida aqui comigo:
Pondo os nossos sonhos no eixo...

080. A REPUTAÇÃO DE UM HOMEM

Veridicamente e vodkamente esse homem fala:
Ele tem verdade no falar e vodca no gargalo,
A gargalhar...
Ele é risonho: Um sonho pra mulheres!
Mas, sempre tem galinha na linha – desse galo!
Ele é um bom homem, mas elas o consomem...

Já lhe disseram para tomar mais cuidado!
Senão elas o arrastam para o afiado cutelo
E pegam todo o seu dinheiro e deixam somente
Aqueles bagatelas – que mal dá para a vodca,
O vermute, e a cachaça (pinga amarela).

Veridicamente e vodkamente esse homem fala:
Mas desse jeito, logo vai lhe faltar à verdade,
E a mentira o pegará para deixá-lo desmoralizado.
Ele tem verdade no falar e vodca no gargalo,

A gargalhar..., mas as mulheres e as bebidas alcoólicas
Já tende a levá-lo para o princípio da s mentiras;
E daí a sua reputação se transformará em fiapos e tiras.

081. OLHOS AMORDAÇADOS

Mãe tem os olhos amordaçados dos cuidados da vida,
Que muitas vezes, a causa não vale nem um tostão...
Sofrimento pelo o marido que é beberrão;
Pelo o filho que não é dado ao trabalho;
E tantas outras coisas que retalha,
O coração de uma boa mãe.

Mãe sofre a dor de todos os seus,
E nem se sabe, como se cabe num pequeno coração:
Talvez, o amor estica-o a precisada dimensão...
E ela os punha todos ali dentro, com o auxílio de Deus, através de
suas muitas orações.

Ser mãe não é fácil!
Por isso, todos deveriam prestar mais atenção!
Doando o seu amor e carinho, sem más-criações:
- Filhos ingratos têm muitos por aí, aos montões...

Ser mãe não é fácil! Sofre muitas das vezes,
A incompreensão do marido e ainda tem que ser maleável,
Para melhor educar os seus filhos.

082. CADA QUAL VALE O QUE TEM

Não há homenagem alguma para este pobre brejeiro...
Faço hoje, 50 anos de idade fria,
Com pés presos ao brejo de uma pobreza,
Que às vezes, me enche de melancolia...
Tanta luta, para pouco pano de manga:
Tanta luta, para ter miséria, pés no brejo, e na tanga!...

Uma imagem fria, de Zé-ninguém! É o desdenho, que...
Que tem me acompanhado a vida inteira:
Sempre procurei ser mensageiro do amor, que besteira!
Besteira querer dar exemplos, numa vida brejeira...
- Ninguém dá valor a um pobre coitado, que...

Que parece ter Deus, mas não tem nenhum dinheiro!
- O povo gosta mesmo, é de bens financeiros!
- Quem não tem, não é... Mas é! Uma besta borralheira,
Que joga palavras espirituais em ribanceira...

Pois existe por aí, um bando de gente interesseiro,
Que não tem Deus, nem dinheiro, mas, saem das aldeias...
- Bajulador de ricos, que tentam carona e ajuda alheia.

083. RECLAMÃO

Casa acesa, pão na mesa, água nas torneiras...
Telefone no gancho, cabo no computador...
Bumbum no carro novo, celular na orelha...
Assim são os pobres de hoje em dia,
Que vivem reclamando da vida financeira:
- Vá caçar sapo no brejo Doutor!...

- Se você não é, leva a vida igual à deles!
- E o que você quer mais, ó, pobre metido!
- Deixa de ser tão reclamão,
E vá chupar limão - lá na beira do rio,
Com os sapos (você se parece com eles).

Estou de saco-cheio de ver, pobre reclamão!
Compra tudo o que vê pela frente
Para matar a sua podre ilusão...
Trabalha feito besta – só para pagar cartão.

Vivem presos nesse credito que traz sacrificio;
Buscando a boba conquista em alucinação...
De comprar besteiras e pagar com o seu cartão.

084. A LÍNGUA DE MALVINA

Já não subestimação alguma aos dormentes na morte:
Digam, pois agora, tudo o que quiserem em hipóteses...
Nada importa a eles: se verdade ou mentira...
O prejuízo maior é somente para os linguarudos
Que fazem de suas línguas – espanadores de tiras...
No dia da morte, não se caberá na boca o tal lote...

De fofocas e calúnias da tal língua ferina!...
Quem já foi... dormiu! Estão livres de ti, ó Malvina:
Sabia que você fala muito? Malditas purpurinas...
Adorno de fofoqueiros é esticar a língua
E cuspir novidades por hipótese para afinar a língua...

Portanto isso aí, pode engrossar na morte rapina;
E nem caber no fúnebre caixão a própria língua...
Terão que cortá-la e pô-la num outro caixão,
A língua dos fofoqueiros – inclusive a tua, ó Malvina.

Que Deus a livre de ti mesma!
Que fala dos outros, retoma a própria carga da língua;
Por isso, cuidado com o que falas de mim, ó Malvina.

085. O MAL DOS INVEJOSOS

Mais um dia irradiante me espera depois da janela.
Quero abrir a porta sem fiapos de esparrela...
E lá nas entranhas da Empresa que trabalho,
Despistarei os otários que me invejam;
Lutei muito para subir alguns degraus, nessa escala:
Escala dos cargos que às vezes nos retalha!...

Difícil de subir! Difícil de permanecer!
Há muitos intrusos que nos chacoalham nos degraus...
Porque se invejam dos que estão mais acima;
E isso é um sentimento horrendo – muito mal!
Pois deveriam pegar o corrimão dos preparos...

E não empurrar o outro para ir ganhando atalhos...
Quem está em cima é bom que não seja otário!
E o que está em baixo, é bom que não sejas canalha!
Somente o corrimão dá estabilidade exemplar!

Eh!... Vê se estude um pouco mais na tua área...
Pois com certeza te aparecerá um firme degrau!
Porque hoje em dia, já não existem mais, quebra-galhos.

086. O SÁBIO E O TOLO

Ninguém pode confundir os ideais de um sábio,
Visto que ele já tem um bom alicerce na cabeça:
Somente Deus tem poder sobre o tal eixo...
Do contrário, ele próprio sustenta a carga,
No seu hábil eixo – e leva as rodas ao cabo
Do itinerário da sua vida, sem tais desleixos...

Todo o sábio sabe que tal ele é!
Ainda que ele não tenha em si o real levantamento
Da sua sabedoria, descida da cabeça aos pés...
Ninguém pode confundir os ideais de um sábio,
Visto que ele já tem um bom alicerce na cabeça.

O tolo tem ideias nos pés - e chulé na cabeça...
Por isso, lhe saem bafo com cheiro às avessas...
E quem os ouve, jamais o esquece!
Porque as suas tolices têm stresch...

Os tolos muitas das vezes são mais lembrados
De que, propriamente os sábios!
Porque fazem papel de palhaços dentro da realidade.

087. O TESOURO JAMAIS ACHADO

Um tesouro perdido e nunca achado...
Estava no calcanhar do velho Senhor
Dos escravos, que os judiava à beça!...
Aquela família foi morrendo: desmontada!
E do desmonte só sobraram ossos:
Destroços dos malditos humanos...

E um dia, aquela fazenda já sem escravos.
E sem proprietário, fora invadida,
Por um bando de índios esfaimados,
Que meteram a boca na botija do ouro achado;
E venderam-no por tão pouco, coitados...

Que dentro da tal sorte, mataram a fome,
Numa alegria de bagatela enorme...
Mas o ouro achado fora perdido
Por um branco espertalhão, língua de fome!

Fome por ouro e riquezas, daquele ouro que...
Pelos os escravos, senhores brancos e índios.
Jamais lhes fora achado, mas, roubado.

088. UM ANJO PERDIDO

Um Anjo perdido buscava o bem-aventurado,
Pois precisava o abençoar!
Mas vindo, pois, a me pedir informação...
Brincando, eu lhe disse: eu o sou, esse tal de João...
E o Anjo talvez estivesse com pressa
De cumprir a sua indispensável missão:

Estendeu-me logo, a sua Santa Mão, e me abençoou!
Eu passei a sorrir pela a prosperidade, mas,
Às vezes me preocupo com o destino do tal João...
Porque talvez esteja sofrendo a minha traição:
Que deixei de ser José para ser o tal João...

Tomara que deus tenha preparado uma vida mais longa,
Para esse tal, que por mim fora traído – senão...
Morrerei antes do destino de José,
Para deixar de ser esse bestalhão...

Que pegara a benção trocada
Para entrar adiantado no berçário de um caixão:
Levando tampa e lacre na cara, para cobrar a traição.

089. A LUTA DE UM ESCRITOR

Quantas vezes eu saí pela cidade,
Procurando um sim, que fosse de verdade!
E só levei não na cara:
É aí que se a gente se descuidar – para!
Para e não faz nada do que diz a intuição...
- Quantas vezes eu saí pela cidade:

- Algumas portas se abriram para me ouvir...
- E outras, nem se abriram para me ouvir falar:
Encontrei aí um deserto dentro de mim,
Feito de não! Foi duro resistir, meu irmão!
Foi tanto pranto e desencanto a me coibir.

Mas eu não parei no meio da estrada:
Meti a cara para todo o lado – e me achei!
Foram dezenas de vezes perdidas;
E uma vez achado – secou a ferida!

Chorei de emoção nos braços do sim!
Achei quem me procurava no deserto...
Agora vivo a emoção de um Escritor, mais perto.

Vocábulos

O Pensamento

O pensamento é um modo de conhecimento (não intuitivo), dirigido à pessoa, ao passo que, tal e as reações implicadas no seu sentido. O pensamento percorre o espírito humano em diversos atos de apreensão e de tomada de posição (interrogação, dúvidas etc.), afim de, no assentamento do juízo, compreender de forma definitiva ou, que julga ser definitivo, um objeto.

O pensamento é capaz de passar da contemplação tranquila de um objeto (transição rítmica de um objeto) a apreensão do mesmo já numa forma de conhecimento:

- No pensamento discursivo: a pessoa desenvolve o processamento e busca sempre de coisas novas.

- E no pensamento reprodutivo: a pessoa desenvolve o processamento de entender, puramente em forma reprodutiva, organizada assim: uma verdade apresentada mediante a compreensão de suas relações lógicas, com verdades adquiridas noutra tempo.

Finalizando: O pensamento criador é aquele, em que, a pessoa se manifesta livremente o seu modo de pensar independente, deixando o pensamento percorrer o seu espírito humano com a intuição e inspiração.

Açoite - s. m. Instrumento de tira de couro para punir; dar golpes.

Ademais - adj. Além disso, demais.

Acróstico: composição poética na qual o conjunto das letras iniciais, do meio ou do fim, forma o nome de pessoa ou coisa.

Adorno - ornato; atavio; enfeite.

Afã - ânsia; cuidado diligente; trabalho muito ativo.

Afável - delicado no trato; benévolo.

Agouro - vaticínio; pressagio; predição má.

Agrura - aspereza, dissabor; amargura.

TRIAGEM DE CRÔNICAS - páginas: 122/140

Ais - grito de dor e às vezes de alegria; num repente; num instante.
Alardeia - ostenta-se; orgulha-se.
Alargam - dilataram; afrouxaram.
Alegoria - exposição de um pensamento sob a forma figurada.
Aliciado - subornado; seduzido.
Aleivoso - alucinado; enlouquecido.
Altruísta - aquele que se dedica ao seu semelhante.
Amortecer - adormecer; desmaiar; afrouxar.
Analogia - semelhança entre objetos e ideias.
Ânsia - aflição; estertor; desejo ardente.
Antologia: tratados das flores: coleção de trechos prosa ou versos.
Aprumar – endireitar.
Apologia - discurso para defender ou justificar; encômio; elogio.
Apólogo - alegoria moral ou que figuram a falar animais; coisas inanimadas; fábulas.
Appoggiatura - apojatura musical; ornamento melódico representado por uma pequena nota sem corte oblíquo na haste; precedendo a sua nota essencial; a qual subtrai o próprio valor e acentuação.
Aprazível - agradável.
Ariscas - espantadas; assustadas.
Arrepios - espantos; calafrios; tremor de medo.
Arte: os preceitos necessários à execução de qualquer arte; maneira; modo; habilidade e criação em obras de artes manuais; artes plásticas, musicais, etc.
Arte escrita: é a composição das belas-lettras (a gramática, a eloquência e a poesia; as quais também se juntam à história, a poesia, etc.).
Ascós - nojo; aversão; tédio; enjoo.
Áscua - brasa viva; chispa que escapa dos ferros em brasa.
Áspero - adj. Escabroso; rugoso; rijo; frágil; azedo; fie. Ríspido; duro; desabrido; grosseiro.
Aurora - claridade qual procede do sol; juventude; princípio da vida. Avergoados - espancado; maltratado por açoites.
Balada: poema composto de três oitavas ou três décimas, a qual tem as mesmas rimas e terminam pelo os mesmos versos, sendo

seguidos de uma meia estrofe (quadra ou quintilha). Chamada oferta ou ofertório. A qual as rimas e os versos das oitavas ou décimas se repetem. Balada é um poema de assuntos lendário ou muito fantástico! E, dança feita com músicas só instrumental. Belas-letras: a gramática, a eloquência e a poesia; as quais também se juntam a história, a poesia, etc.

Boêmio - estúrdio; patusco; vazio.

Bordoadas: pancadas; cacetadas; pauladas.

Borrifar - v. Int. Chuviscar.

Borrifar – molhar com borrifos; orvalhar.

Bulícios - murmúrios prolongados; agitado de coisas ou pessoas inquietação.

Burlesca - ridícula; grotesco; zombeteiro; caricato.

Cálida - adj. Quente; ardente; feroso.

Cambaleia - v. Int. Caminhar sem firmeza; oscilar andando.

Candente - adj. Que este em brasa; rubro claro.

Candonga - encanto; paixão; pessoa querida; vem cá minha candonga.

Candura - alvura; inocência; pureza.

Carris de ferro: barras de ferro.

Carril: barra de ferro.

Celeiro - casa em que se ajuntam e guardam cereais.

Cinema

SM (abrev. De cinematógrafo) 1 Arte ou ciência da cinematografia.

2. Estabelecimento ou sala de projeções cinematográficas. *C.*

falado: projeção cinematográfica em que se ouve a fala dos atores, os sons decorrentes da própria ação e outros, criados pelo diretor, para produzir certos efeitos; cinema sonoro. *C. mudo*: projeção cinematográfica não acompanhada dos sons que caracterizam o cinema falado. *C. sonoro*: o mesmo que *cinema falado*.

Circo

SM (lat. circu) 1 Área destinada a jogos públicos, na antiga Roma.

2. Pavilhão ou recinto circular para espetáculos e desportos;

anfiteatro. 3 Cincho. 4 *Geol.* Bacia funda de paredes íngremes em

uma montanha, comumente com forma de anfiteatro e muitas vezes

TRIAGEM DE CRÔNICAS - páginas: 124/140

contendo um pequeno lago. É causada especialmente por erosão glacial e em regra forma a cabeça de um vale. 5 Círculo. 6.

Disposição circular de pessoas no campo, a pé ou a cavalo, com o fim de pegar ou reunir os animais.

Ciranda - v. Int. Dar voltas; andar de um lado para o outro.

Coagidos - constranger; forçar.

Coerente - lógico; tem lógica.

Comentário – texto de apreciação sobre uma obra ou um evento.

Pode incluir informações sobre obras anteriores ou ainda conter declarações do artista ou de outra fonte. Em rádio e tv, denomina-se “comentário” as apreciações de assuntos políticos, econômicos ou esportivos por especialistas, mas em jornal o termo tem se restringido a área cultural, usando-se nas outras editorias os termos “artigo”, “coluna” ou “opinião”.

Consciência - voz secreta da alma; que aprova ou reprove nossos atos.

Condolente - sentimento de quem se condói; compaixão compassiva.

Contenda - briga; combate; alteração.

Conto: narração falada ou escrita: lenda; fábula; engodo; embuste: conto da carochinha.

Constrangido - forçado; contrafeito.

Corisco - faísca elétrica; centelha que fende as nuvens; sem se ouvirem trovões.

Corusca - v. Int. Fulgurar; reluzir; relampaguear.

Covarde - medroso.

Crepúsculo - a luz frouxa que precede o nascer do sol e persiste o tempo depois de se por.

Crítica – é a opinião do crítico sobre o objeto de análise de sua interpretação a respeito de qualquer obra literária e não-literária ou de outros assuntos.

Crônica: narração histórica, por ordem cronológica. Pequeno conto, de enredo indeterminado. Texto jornalístico e redigido de forma livre e pessoal. Seção de revista ou jornal. Conjunto de notícias sobre alguém ou algum assunto.

Dadaísmo: movimento lançado pelo poeta Tristan Tzara em 1.916. O seu princípio essencial era com no super-realismo, que lhe sucedeu, a qual passara quase todos os seus adeptos, o apelo ao subconsciente.

Debruço - inclinado o busto pare frente.

Debulha - ato de debulhar; de descascar.

Delirando - adj. Louco; delirante; estonteado.

Delírio - SM. Excesso de sentimento; excitação; entusiasmo.

Desamores - desprezo; crueldade.

Desata - desprende; desliga; solta; liberta.

Desenxabido - desenxabido; insípido; sem graça sem animação.

Desfigurada - transformado de feição.

Desígnios: intento; plano; projeto.

Desigual - tornar desigual; diferença.

Desleixo - descuido; negligencia; inércia.

Destinatário - aquele a quem se destina ou se envia alguma coisa.

Diligente - que tem cuidado; zela; ativo.

Dinâmico - ativo; enérgico.

Dinamismo - energia que não se reconhece nos elementos materiais. Discernir - distinguir; ver claro; discriminar.

Dócil - submisso; obediente; flexível.

Dominante - que tem autoridade ou poder sobre quem domina.

Drama

SM (Gr dráma) 1 Peça teatral. 2. Gênero de composição teatral, que ocupa o meio-termo entre a tragédia e a comédia, quando não participa de ambas. 3. Peça literária para ser representada. 4.

Acontecimento comovente. 5. Desastre, desgraça, catástrofe. 6

Crime. *D. épico*: drama episódico moderno que visa a estabelecer o entendimento objetivo de um problema social mediante uma sequência de cenas livremente ligadas, que evitam ilusões, e mediante a interposição de discursos diretos ao auditório com análises ou argumentos (por um narrador, *p ex*), ou mediante documentação (com um filme, *p ex*). *D. histórico*: o que tem assunto extraído da História. *D. lírico*: ópera ou composição dramática entremeada de música. *D. musical*: nome dado, desde

TRIAGEM DE CRÔNICAS - páginas: 126/140

Wagner, às óperas que fundem, em um todo orgânico, música, diálogo e representação cênica. *D. sacro*: drama religioso ou moral, inspirado em episódios ou personagens bíblicos ou, então, na vida dos santos. *D. sentimental*: melodrama.

Duelo - luta entre duas pessoas; combate com armas iguais.

Ensaio - texto amplo que utiliza vários enfoques para analisar um tema, que pode ser uma obra, ou um aspecto determinado na trajetória de um artista.

Entrevista – reprodução direta de diálogo ocorrido entre o jornalista e a fonte.

Embaço - tornar bago; ofuscar; empanar.

Emergidos - mergulhados.

Ensejo - ocasião própria; lance; oportunidade.

Epílogo – recapitulação, remate; resumo; fecho.

Esbulha - usurpa; espolia; despoja. Adj. Diz-se dos olhos que se arregala. Escala - medida graduada.

Esgarça - desfia; feria lanha.

Expendo - parte da sala que se assenta o cavaleiro. Espessa - densa; grossa; consistente; opaca; copada. Esplendido - magnífico; brilhante; admirável. Espreitam-vigiam; espionam.

Estampido - som repentino; e forte como de uma explosão. Eufonia - som agradável aos ouvidos.

Estala - estoura; rebenta com fragor.

Estética - filosofia das belas artes.

Estilada - estendida.

Estilingue - atiradeira; funda; baladeira; beta; peteca; seta; bodoque. Estros - grande calor; ardor; paixão.

Esvoaçam - batem asas com força; voejar; voltear; flutuar ao vento.

Eventos - sucesso; acontecimento; eventualidade. Evidente - que não há devidas; claro.

Excelente - que excede; que é muito bom.

Extenso - comprido; largo.

Fadiga: cansado; trabalho; lida; faina.

TRIAGEM DE CRÔNICAS - páginas: 127/140

Farto - saciado; cheio; satisfeito; nutrido.

Fausto - venturoso; ditoso; próspero; agradecível.

Fenecem - findam; terminam; acabam.

Fidelidade - lealdade; firmeza; probidade.

Finito - aquilo que tem fim;

Transitório; contingente.

Flutuante - que flutua.

Fósmea: disparado; imperceptível; incompreensível indefinível.

Frustrar - enganar a expectativa de:

Fulgor - brilho; cintilação; luzeiro; esplendor. Furtado - roubado.

Gala - traje para solenidade; pompa: festa nacional. - 108-

Gari - varredor de ruas.

Generoso - nobre; leal valente; fértil.

Gíria - linguagem de malandro; linguagem peculiar.

Glórias - bem-aventurança; renome; fama; preto.

Golpes: pancada; ferimento.

Gratos - agradecidos; aprazível; suave.

Guerrilha - guerras de voluntários; indisciplinados que fazem emboscadas.

Humor

sm (lat. humore) 1 *Biol* Qualquer líquido que atue normalmente no corpo, principalmente dos vertebrados (bílis, sangue, linfa etc.). 2. *Med.* Substância mórbida, líquida, formada no corpo doente, como por exemplo, o pus. 3. Porção líquida do globo ocular. 4. Umidade, líquido. 5. Disposição de ânimo: *Bom humor. H. aquoso*: líquido que enche a câmara anterior do olho e a câmara posterior em frente do cristalino. *H. vítreo*: substância gelatinosa entre o cristalino e a coróide. 6. Capacidade de compreender, apreciar ou expressar coisas cômicas, engraçadas ou divertidas; *humour*.

Ilusório - adj. Que produz ilusão; falso.

Ilustrada - adj. Que tem muita ilustração; instruído. Ilustrando - tornando ilustre; dando glória; elucidado ilustre - adj. Que se distingue por qualidades de louvor.

Iminência - adj. Qualidade de iminente: que ameaça cair sobre alguém ou sobre.

Alguma coisa.

Imortais - que não morrem; infinitos.

Imperdoáveis - que perdoa.

Imprudente - falta de prudência.

Impudente - que não tem pudor; descarado; sem-vergonha.

Impudor - falta de pudor; descarar; cinismo.

Incessante - assíduo; contínuo.

Incoerente - ilógico; contraditório.

Inconsoláveis - que não se pode consolar.

Indolência - insensibilidade; apatia; negligência. Indolente - sem atividades; ocioso; preguiçoso.

Indomável - invencível; implacável.

Enigmas - mistérios; segredos.

Enigmático - que tem mistérios.

Insinuar - pretender; provar; dar a entender com arte. Insolência – mau procedimento; inconveniência; desaforo. Insolente - atrevido; grosseiros; malcriados.

Instáveis - moveiços; inconstante.

Invisibilidade - qualidade de invisível: aquilo que não vê.

Jornada - expedição; caminho que se faz nas viagens por terra.

Jubilo - grande alegria; contentamento.

Lastro - tudo que serve para dar mais estabilidade; firmeza. Lépidas - ligeiras; expeditas; alegre; jovial.

Liame - ligado; aquilo que prende uma coisa à outra.

Lida - faina; trabalho; azafama.

Límpido - nítido; transparente; puro; polido.

Lisonjeiro - prometedor; satisfatório.

Logrando - aproveitando; enganando com astúcia; burlar.

Longarina: viga de madeira sobre a qual se pregam às travessas dos carris de ferro; peça comprida que se sobrepõe longitudinalmente a uma estacaria.

Lucerna - (ant.) Claraboia; abertura por onde se cõa luz. Lumaréu - fogueira; fogacho. Lumes - SM. Fogo; fogueira; luz; clarão.

TRIAGEM DE CRÔNICAS - páginas: 129/140

Lunático - adj. Sujeito a influência da lua; (fig.) Mania. Luzerna - grande luz! Clarão.

Magia: fascinação; encanto. Manejar - administrar; dirigir.
Mania - gosto exagerado por alguma coisa: mau costume. Marasmo - SM. Fraqueza extrema; (fig.) Apatia moral. Mesquinha - privada do necessário; infeliz; pobre. Minguado - escasso; limitado.

Naufregaram - falharam; fracassaram; afundaram. Naufrágio - ato de um navio se afundar.

Néctar - bebida dos deuses: (fig.) delícias.

Negaceia - provoca; engana; atrai por meios de negação. Negrume - cerração; escuridão; trevas; negrura; tristeza.

Nota – informação breve, com os elementos básicos de uma notícia, sem compromisso necessário com fatos do momento.

Notícia – apresentação de um fato novo respondendo as perguntas que por ventura está instalada na curiosidade dos leitores.

Notória - adj. Sabido de todos;

Obsessão: vexação; perseguição; (fig.) ideia fixa.

Ociosos - adj. Que não trabalha; vadio.

Odores - cheiro; aroma.

Ofegante - anelante; ansioso.

Oprimido - vexado; perseguido.

Orbe - esfera; globo; mundo; redondeza.

Oscilar - balançar-se; mover-se em sentido oposto.

Ostentação - luxo; vanglória; pampa; aparato.

Otimismo - sistema de julgar tudo melhor possível.

Pacífico - amigo da paz; tranquilo; sossegado; manso.

Palor - palidez.

Pálpebras - (anat.) Membrana que recolhe o globo ocular.

Paralelepípedos - sólido geométrico de seis faces paralelas duas a duas ou todos os paralelogramos. Empregadas para calçamento de ruas. Paralisado - inerte; estacionado.

Patriota - pessoa que ama a pátria.

TRIAGEM DE CRÔNICAS - páginas: 130/140

Pegulho - embaraço; pretexto de briga.

Pejo - pudor; vergonha; acanhamento.

Penalidade: pungido; com pena; condoído.

Poema: composição poética em que há enredo e ação; composição poética.

Poema dístico: poema de uma só estrofe.

Poema

sm (gr poíema) 1 Obra em verso. 2. Composição poética do gênero épico, mais ou menos extensa e com enredo. 3 Epopeia. 4. Obra em prosa em que há ficção e estilo poético. 5. Assunto ou coisa digna de ser cantada em verso. *P. épico*: narração poética de uma empresa ou, feito grande e interessante, em que intervêm entes sobrenaturais; epopeia. *P. heroico*: narração em verso de um acontecimento histórico. *P. sinfônico*: peça orquestral num só movimento e de caráter descritivo. *Dim. irreg.: poemeto*.

Poesia

sf (gr poíesis+ia¹) 1 Arte de escrever em verso. 2. Conjunto das obras em verso escritas numa língua. 3 Cada um dos gêneros poéticos. 4. Composição poética pouco extensa; pequeno poema. 5 Qualidades que caracterizam os bons versos. 6. Caráter do que desperta o sentimento do belo; inspiração. 7. Elevação nas ideias, no estilo. 8. Atrativo, graça, encanto. *P. anacreôntica*: aquela em que se canta o amor e o vinho. *P. de sete*: *Lit. pop* estrofe de sete versos heptassílabos, com o esquema rimático ABCBDDDB; obra de sete pés. *P. do estilo*: animação, colorido, riqueza, em verso ou em prosa. *P. muda*: a pintura.

Poesia dística: poesia de uma só estrofe.

Potente - que pode construir alguma coisa: que tem poderio.

Precioso - suntuoso; de grande preço.

Primícias - primeiros frutos; primeiros gozos; começo.

Premissas: cada uma das duas primeiras preposições de um silogismo que servem de base à conclusão:

- Maior, a que encerra o termo maior, isto é, o predicado da conclusão:

- Menor, a que encerra o termo menor, isto é, o sujeito da conclusão.

Prismio - cristal com duas faces planas inclinadas. Que se Compõe a luz (fig.) Ponto de vista ilusório.

Propagar - dilatar; espalhar; proclamar, difundir.

Provisória - passageira; temporária.

Prudência - virtude que leva o homem a conhecer-se e praticar o que lhe convêm.

Prudência - pudor, vergonha; respeito.

Pudente - que tem pudor, vergonha e respeito.

Pudor - seriedade; honestidade.

Queixas - ofensas; ressentimentos.

Raciocinar – fazer uso da razão para conhecer, para julgar da razão das coisas; tomar um raciocínio é deduzir razões; decorrer.

Raciocínio – s, m. Operação do espírito em que consistem em estabelecer relação entre dois termos dados graças à comparação preparatórios com termos intermediários chamados premissas: comutaria.

Raciocínio cornuto; (lógico) quando há uma cadeia de juízos logicamente articulados.

Raciocínio dedutivo; quando as premissas são mais gerais que a conclusão.

Raciocínio indutivo; quando as premissas são mais particulares.

Raquítico - adj. Pouco desenvolvido - franzino.

Rareadas - aquilo que se tornou menos denso.

Recato - sinceridade; resguardo; cautela.

Rechaçando – rebatendo; repelindo.

Relho - azorrague de couro torcido.

Reluz - resplandece - brilha.

Remuneração - recompensa; prêmio; gratificação.

Renuídos - renutação; gestos negativos feitos com a cabeça.

Repentino - súbito; imprevisto.

Reportagem – principal gênero jornalístico, recorre a diferentes fontes para ampliar e interpretar a notícia.

Resenha – texto que apresenta os principais pontos de interesse de uma obra, podendo conter ou não breves avaliações.

Resquícios - restos; resíduos; vestígios.

Ressaca - (fig.) Estada do bêbado depois da bebedeira; cansaço causado depois de uma noite em claro.

Revoadas - 0 revoar das aves (fig.) Oportunidade.

Rimal¹: *sf* (*provençal ant. Rima*, do *gr rhythmós*) 1 Correspondência de sons finais entre dois ou mais versos. 2. Uniformidade de som na terminação de duas ou mais palavras. 3. Palavra que rima com outra. *Sm pl* Versos. *R. aguda: V rima masculina. R. alternada:*

aquela em que os versos rimam alternadamente, isto é, o 1.º com o 3.º, o 5.º e os demais ímpares, e o 2.º, com o 4.º, o 6.º e os demais pares. *R. consoante:* a que apresenta, a partir da vogal tônica, perfeita correspondência de sons finais: *guerra, terra; glória, história. R. coroada:* aquela em que palavras do mesmo verso se rimam: *donzela bela* que me inspira a *lira. R. cruzada:* o mesmo que *rima alternada. R. emparelhada:* aquela em que os versos rimam dois a dois ou três a três seguidamente. *R. encadeada:*

aquela em que a palavra final de um verso rima com outra do meio do verso seguinte. *R. feminina:* a que termina por sílaba átona. *R. grave: V rima feminina. R. intercalada ou interpolada:* aquela em que os versos que rimam entre si podem ter de permeio um ou mais versos de rima diferente. *R. masculina:* a que termina por sílaba tônica. *R. opulenta: V rima rica. R. pobre:* aquela em que as palavras que rimam pertencem à mesma categoria gramatical. *R. rica:* aquela em que as palavras que rimam são de categoria gramatical diferente. *R. toante:* aquela em que a correspondência de sons se verifica entre as vogais, a partir da última vogal tônica.

Rima²: *sf* (*lat. rima*) 1 Pequena abertura; fenda greta. 2 Pequena ferida cinzenta, na mama de [fêmeas](#) de gado. 3 Fenda do ânus. 4 Ostíolo de certos fungos. Rima³: *sf* (*ár rizma*) 1 Ação ou efeito de arrimar. 2 Montão ruma. 3 Porção de coisas que se acumulam: *Rima de lenha, rima de madeira. Rima⁴: sf V fruta-pão.*

Romance: *sm* (*lat. romanice*) 1 Composição poética que, em versos simples, trata de um assunto histórico, lendário ou moral, quase sempre da tradição popular. 2 Espécie de poema em versos simples e curtos, baseado em assunto comovedor e próprio para ser cantado; novela ou canto de amores em verso vulgar. 3 *Lit.*

TRIAGEM DE CRÔNICAS - páginas: 133/140

Narração, geralmente em prosa, de aventuras imaginárias, adrede inventadas e combinadas para interessarem os leitores. 4 Enredo de coisas falsas ou inacreditáveis. 5 Conto, fábula. 6 Urdidura fantástica do espírito; fantasia. 7 Objeto ou fato real, mas que tem o que quer que seja de fantástico, de inacreditável. 8 O latim alterado e que se tornou a língua vulgar de um país; romance. 9 O idioma provençal. 10 Romança. *Adj V românico. R. de Capa E Espada:* aquele que descreve o herói com caráter nobre, batalhador, corajoso e sempre disposto para grandes empresas e ações generosas. *R. de Costumes:* aquele que se baseia principalmente nas consequências dos costumes, hábitos e paixões dos seres sociais. *R. didático:* aquele que, sob a forma de ficção ou narração inventada, expõe qualquer assunto instrutivo. *R. epistolar:* aquele cuja ação se expõe em correspondência trocada entre as personagens respectivas. *R. histórico:* narrativa baseada em acontecimentos verdadeiros, matizada de episódios criados pela fantasia para despertar o interesse do leitor e suavizar o trecho da exposição. *R. humorístico:* aquele cujas observações chistosas e originais se fundam em fatos ordinários e em si pouco dramáticos. *R. psicológico:* aquele que se caracteriza principalmente pela análise de tendências e paixões humanas. *R. pastoral:* aquele em que se descrevem os costumes dos pastores e da gente do campo. *R. satírico:* aquele que, sob a forma de uma alegoria contínua, satiriza os costumes da época. *Ter ou manter um romance com alguém:* envolver-se em aventura amorosa.

Saçanga - alteração; barulho; assuada.

Saraiva - granizo; pedrisco; gelos contínuos da chuva.

Meio assombrado - meio-assombrado.

Semi-indolente - meio-preguiçoso.

Senda - caminho estreito.

.

Sendos: exemplo: eles traziam Sendos livros; (isto é, cada um o seu livro).

Sensaborão - sem sabor.

Sensibilidade - qualidade de sensível.

Sevicias – desumanidade e; maus tratos.

TRIAGEM DE CRÔNICAS - páginas: 134/140

Silogismo: raciocínio formado de três posições; a primeira, chamada premissa maior, a segunda premissa menor, e a terceira, conclusão.

- Uma vez admitida às premissas, a conclusão se infere da maior por intermédio da menor.

Exemplo: todos os homens são mortais (premissa maior);

- Tu és homem (premissa menor); logo, és mortal (conclusão).

Singelas - simples; sinceras; inocentes.

Sinopse: obra ou tratado que apresenta sintaticamente o conjunto de uma ciência ou arte; síntese; resumo.

Soneto: Composição poética, formada por quatorze versos.

Geralmente distribuídos por dois quartetos e dois tercetos. *2 fam.*

Censura remoque, sátira. *S. Estramboto*: soneto com três tercetos, usado no século XVII. *S. inglês*: soneto formado por três quartetos independentes e um dístico.

(Dois quartetos e dois tercetos).

Soneto inglês. Composição poética de quatorze versos (três quartetos e um dístico)

Sonolenta - (fig.) vagarosa; inerte.

Subjeção: figura pela qual o orador interroga o adversário e supõe a resposta ou prevê o que lhe responderia, e dá logo a réplica.

Subconsciente: à parte da psique que está fora da consciência: a inconsciência (consciência obscura).

Subjetivismo: (filosofia) sistema que não admite outra realidade senão a do pensante; suspensão de tudo que é do subjuntivo (em arte, literatura etc.).

Subjetivo: relativo a sujeito; existente no sujeito (passado exclusivamente no espírito de uma pessoa).

Super-realismo (ou surrealismo): movimento artístico iniciado na França, e baseado na concepção de que no subconsciente é que se revela a mais alta realidade, da existência, e o processo de exprimi-la deve ser a transcrição pura e simples do automatismo psíquico.

Suprimida - omitida; anulada; cortadas; eliminada.

Tática - meios empregados para sair-se bem em qualquer coisa.

Teatro

SM (*lat. theatru*) 1 Casa ou lugar destinado à representação de obras dramáticas, óperas ou outros espetáculos públicos. 2. Circo, anfiteatro. 3. Conjunto das obras dramáticas de um autor. 4. Coletânea das obras dramáticas de uma nação. 5. Literatura ou arte dramática. 6 A arte de compor obras dramáticas ou de representá-las. 7 A [profissão](#) de ator ou de atriz. 8. Lugar onde se verifica qualquer acontecimento notável. 9. Aparência vã, miragem, ilusão. 10. Obra escrita para instruir sobre certos princípios; exemplo, modelo, regra. *T. de arena*: teatro sem palco e sem cenários, onde o espetáculo se realiza numa pequena arena. *T. de bonecos*: forma de teatro que se utiliza de bonecos de vários tipos e tamanhos, apresentando peças infantis ou mesmo adultas. *T. do mundo*: o mundo, o público. *T. lírico*: teatro em que se representam óperas ou composições dramáticas postas em música. *Abrir o teatro*: começar a época teatral. *Fechar o teatro*: cessarem temporária ou definitivamente as representações teatrais.

Televisão

sf (*tele¹maisvisão*) 1 Sistema eletrônico para transmitir imagens fixas ou animadas, juntamente com o som, através de um fio ou do espaço, por aparelhos que os convertem em ondas elétricas e os transformam em raios de luz visíveis e sons audíveis. 2. Aparelho receptor de imagens televisionadas; televisor, tevê. 3. Estação transmissora de imagens televisionadas. 4. Conjunto das atividades e programas artísticos, informativos e educativos, apresentados por meio da televisão. *T. com definição estendida, Telev.*: melhoria do padrão NTSC para transmissão de televisão, que oferece maior definição e relação mais ampla entre os eixos. *T. de alta definição, Telev.*: cada um dos vários padrões de difusão de televisão que podem mostrar imagens muito nítidas, com definição muito melhor que a dos aparelhos comuns. O padrão japonês usa 1.125 linhas por tela, e o europeu, 1.250. *Sigla: HDTV. T. interativa*: sistema de TV que permite a comunicação em duas vias entre o espectador e a estação difusora. Normalmente, o espectador pode escolher, dentre uma série de opções, o que será exibido, ou responder diretamente a perguntas.

Tenra - pouco crescida; delicada; branda.

Traquinagens - travessuras; peraltices.

Transborda - derramam; vertem; entornar.

Trauma - abalo físico, moral ou mental.

Tripulação: marinheiros que trabalham num navio.

Ultrajado-insultado; afrontado; difamado; ofendido; maltratado.

Vaga-lumes - (ver pirilampos).

Vagueia - andar no acaso; vagar; vagabundear.

Varonil - corajoso; robusto; forte; heroico.

Vasto - adj. Muito extenso; amplo; delatado; largo.

Vendado - fechado; turvado; coberto.

Veraz - verídico; verdadeiro.

Vexame - vergonha; pejo.

Vindouro - O que há de vir no futuro

Virtude - disposição firme habitual para praticar o bem; valor; força moral.

Volúpia - grande prazer dos sentidos; grande prazer sexual; grande prazer em geral: Voluptuosidade.



Autobiografia

EU, José Vieira Cabral, Nasci no dia 25 de agosto de 1.960, numa pequena cidade paranaense por nome, Xambrê: Vivi ali até os meus oito anos e depois os meus pais se mudaram para Maringá (PR), onde tínhamos lanchonete na Rodoviária.

E enquanto isso... estudei o primeiro grau na Escola Castro Alves (Hoje, Gerardo Braga) e em seguida estudei no Colégio Técnico Polivalente (Juscelino Kubistchek), o primeiro e segundo ano de

TRIAGEM DE CRÔNICAS - páginas: 137/140

Saúde para ser farmacêutico me estagiando na Secretaria de Saúde de Maringá (Laboratório bioquímico e Ambulatório).

E ao mesmo tempo fiz um Curso de Arte Dramática composto de oito livros (e algo dizia dentro de mim: Escritor! E não ator). E no início de fevereiro de 1.979, aos meus 19 anos de idade, viemos de mudança para a cidade de São Caetano do Sul – Grande ABC (SP), onde permaneço até o dia de hoje.

Aqui fui comerciante a maior parte de minha vida: comeciei calçados durante alguns anos e me tornando um Alfaiate profissional, tive algumas alfaiatarias... E Como funcionário, trabalhei como "Oficial de bolsa da Pierre Cardin" - Administrativo em construtora Civil durante dois anos - e depois me tornei Encarregado de obra (Técnico em edificação) porque tinha feito o curso de Mestría em construção civil: Também fiz o curso de Informática entre outros cursos... Mais de 100, de diversas áreas, inclusive, "Fundamentos de jornalismo".

Quanto a Vocação de Escritor: Durante alguns anos eu escrevia Literatura por hobby, mas tinha o péssimo defeito de jogar fora todos os escritos que ia se ajuntando. Todavia, em 1.994 então comecei a escrever algumas poesias com a responsabilidade de publicá-la.

E dois anos depois, então tinha eu em mão um livro de antologia poética, intitulado: Momentos... A qual sua publicação ocorreu em 1.996 pela a Editora Geográfica de Santo André, SP. Publicação essa, independente, e não tive retorno algum em dinheiro (maior parte dos mil exemplares foi doada) ...

Mas mesmo assim não parei de escrever por sentir na pele a responsabilidade para com a Cultura desse nosso Brasil, por saber o valor cultural de cada verso e daquilo que havia me tornado: Um verdadeiro Jornalista cultural, não somente pelo o estudo do

TRIAGEM DE CRÔNICAS - páginas: 138/140

mesmo, mas pela a vocação Nativa arraigada em minha alma poética.

Mais tarde, eu tinha um baú cheio de obras Literárias, mas escolhi uma obra para publicá-la. E foi em 2.009 que publiquei o segundo Livro, intitulado: Espelhos de sol (Romance de 484 páginas) pela a Editora Baraúna – SP, a qual se mantém até o dia de hoje um Contrato de exclusividade. Todavia, mantenho o meu Escritório Editorial na Residência (Livraria/Editora Virtual Cabral Veríssimo), que é o pseudônimo usado ao meu nome: José Vieira Cabral.

Estamos agora no ano de 2016 e, escrevi 22 livros de Literatura e publiquei 150 Cursos online disponíveis na plataforma:

www.buzzero.com/atores/jose-cabral?a=jose-cabral

Site Oficial > <http://ciacabralverissimo.loja2.com.br>

Descrição de Obras:

01. Momentos... (poesia);
02. Espelhos de Sol (romance);
03. As barcas de Derlim (Romance Policial);
04. Um cálix de sol (contos/crônicas);
05. Tratados do Surrealismo (pedagógico);
06. Comportamento Humano (filosofia);
07. Caminhos de ferro (Romance);
08. Sessão Histórica de Nina Spear (Monografia);
09. Ciclo dos 500 Sonetos Vol. I (Poesia);
10. Ciclo dos 400 Sonetos Vol. II (poesia);
11. Ciclo dos 400 Sonetos Vol. III (poesia);
12. Ciclo dos 400 Sonetos Vol. IV (poesia);
13. Ciclo dos 600 Sonetos pós-modernos (poesia);
14. Raciocínio dos pensamentos (poesia);
15. Visualismo - Movimento Pós-moderno (Monografia);
16. A comunicação verbal e escrita (redação);
17. Fundamentos da Cultura pós-moderna (Monografia);
18. Triagem de crônicas (crônica).

Apologia feita por Editores:

O autor tem presenteado a cultura brasileira, com mais de 20 obras magníficas, dignas de louvores dentro do mundo das artes: Por isso, ele foi nomeado para o Tesouro Nacional, dos cem primeiros escritores brasileiros e já recebeu Diploma de Grande Pensador!

Cabral Veríssimo é Editor e Escritor: Um romancista e poeta que traz, consigo uma verdadeira Academia de ciências das artes, excepcionalmente instalada no seu raciocínio, demonstrando-nos uma condição rara de novas formas de estilo, capaz de nos elevar ao seu auto cume estilístico; numa escalada literária ao prazer de ler, descobrindo lhe o prazer que tem de criar e modificar as formas de expressão, através de seus análises e mergulhos ao mais profundo íntimo da invisibilidade, nos expondo ao mundo visível, obras excelentes, incontestáveis.

O Autor é um clássico da língua portuguesa brasileira, com uma capacidade incrível de nos induzir as condições de promovê-lo através de estudo de operações internas dos seus textos literários, servindo-nos também de outras disciplinas como a semiótica, a gramática, a sociolinguística, a prosódia, a eloquência, etc.

A crítica literária e a história da literatura, não dispensam este tipo de análise, aos trabalhos magníficos de um escritor assim, que disse, desde a sua primeira obra (Momentos), que havia buscado conhecimentos profundos para ilustrar os seus próprios desígnios, registrando os momentos...

Mas, que havia considerado as expressões profundas e as mais singelas importantíssimas a sua vida, e que na sua observação: via algumas almas transbordando o fulgor de preciosos momentos, e outras que, desfiguradas pela a constante amargura exprimiam penosos gemidos.

TRIAGEM DE CRÔNICAS - páginas: 140/140

No seu falar há luz! Suas inspirações são energias que geram obras riquíssimas em conteúdo... porque ele nos dá prova de que, inspirado, viaja por caminhos longínquos e incríveis, capturando algo desarraigado do mundo visível, e sem demora ele traz do mundo invisível para fazer parte de nossas vidas.

Do raciocínio sensível de um artista assim, tudo o que existe dentro e fora de sua alma iluminada, reflete algo novo para o seu trabalho ilustre. E daí então, sai os vestígios para os peritos literários investigarem e comprovar que há uma relíquia sem par a sua de sabedoria, cujo alicerce está fixado num solo que vai além do realismo humano.

**LIVRARIA/EDITORA VIRTUAL
CABRAL VERÍSSIMO I-LTDA**

São Caetano do Sul – São Paulo – Brasil

CNPJ: 17.698.240/0001- 04 MATRIZ

SITE: <http://ciacabralverissimo.loja2.com.br>

E-mail: cabralverissimo@yahoo.com.br

PARA ADQUIRIR A OBRA COMPLETA C/260 PÁGINAS

https://ciacabralverissimo.loja2.com.br/8307080--AMOSTRA-GRATIS-100-260-PAGS-?keep_adding